

# O fundo Roberto Cardoso de Oliveira e as várias histórias da antropologia no Brasil

*Amanda Gonçalves Serafim*

Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/Unicamp).

E-mail: [amandagserafim@gmail.com](mailto:amandagserafim@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-3020-5993>



## Resumo

Roberto Cardoso de Oliveira foi um dos mais destacados antropólogos brasileiros, atuou na criação dos primeiros Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) e desenvolveu uma série de pesquisas e de projetos que marcaram o desenvolvimento da disciplina no país. Seu acervo documental foi doado na década de 1980, período de plena atuação profissional, para que pudesse ser acessado e que pudesse contribuir com pesquisas interessadas na história da antropologia na segunda metade do século XX. O presente artigo visa apresentar as potencialidades desses documentos que vão além de uma análise de trajetória de seu produtor. Essa iniciativa foi produzida à luz das comemorações dos 50 anos do PPGAS da Unicamp, instituição que acolheu Cardoso de Oliveira por mais de dez anos e que hoje guarda seu acervo através do Arquivo Edgard Leuenroth.

### **Palavras-chave:**

Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006); Fundo Roberto Cardoso de Oliveira; Arquivo Edgard Leuenroth; História da Antropologia no Brasil; PPGAS Unicamp.

## Abstract

Roberto Cardoso de Oliveira was one of the most distinguished Brazilian anthropologists, he worked in the creation of the first Postgraduate Programs in Social Anthropology (PPGAS) and developed a series of researches and projects that marked the development of the discipline in the country. Its documental collection was donated in the 1980s, a period of full professional activity, so that it could be accessed and that it could contribute to research interested in the history of anthropology in the second half of the 20th century. This article aims to present the potential of these documents that go beyond an analysis of their producer's trajectory. This initiative was produced during the celebrations of the 50th anniversary of the PPGAS at Unicamp, an institution that welcomed Cardoso de Oliveira for over ten years and which today keeps its collection through the Edgard Leuenroth Archive.

**Keywords:** Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006); Roberto Cardoso de Oliveira Fund archive; Edgard Leuenroth Archive; History of Anthropology in Brazil; PPGAS Unicamp.

## Introdução

**R**oberto Cardoso de Oliveira (1928-2006) foi um antropólogo brasileiro que desempenhou um importante papel como articulador de instituições, projetos de pesquisa, formação de profissionais e redes de relações nacionais e internacionais – aspectos que serão apresentados ao longo do texto. Formado em filosofia, foi a partir da mudança para a antropologia que desenvolveu sua carreira acadêmica, tendo participado da criação de três programas de pós-graduação no país: os mestrados em antropologia social do Museu Nacional e da Universidade de Brasília e o doutorado em ciências sociais da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Além disso, atuou também em associações da disciplina no Brasil e no exterior. Ao mesmo tempo que realizou essas atividades, Cardoso de Oliveira mantinha uma intensa produção científica e que pode ser dividida em dois momentos: de um lado, as pesquisas sobre as relações entre indígenas e a sociedade nacional (momento que cunhou o conceito de fricção interétnica); e, de outro, a produção da antropologia (em que se destacam seus investimentos referentes às diferenças entre as antropologias centrais e periféricas).

Ao se transferir para a Unicamp, doou seu grande acervo que já acumulava documentos de seus 30 anos de trabalho na disciplina, prática que foi continuada nos anos seguintes. Esse rico material reúne documentos que possibilitam pesquisas sobre sua trajetória, mas que podem ir muito além dela, como as instituições em que atuou no Brasil ou no exterior, seus grandes temas de trabalho, as relações entre antropólogos e a circulação entre as antropologias mundiais (principalmente EUA, França e México). A apresentação do potencial do acervo do fundo Roberto Cardoso de Oliveira é o objetivo central do presente artigo, justamente no marco dos 50 anos de criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp. Apesar do antropólogo ter chegado à instituição apenas duas décadas depois, seu material e sua atuação profissional ajudam a compreender os antecedentes e o período de institucionalização da disciplina no país. Ao mesmo tempo, é importante reforçar que é na Unicamp que Cardoso de Oliveira vai se aprofundar nas reflexões da prática antropológica e contribuir com uma nova proposta de doutorado. Dessa forma, entre a trajetória do antropólogo, a doação de seu arquivo e algumas pistas destacadas em

seus documentos, busco instigar novas pesquisas e interessados em um capítulo particular da história da antropologia no Brasil, mas que ultrapassa seus próprios limites.

## O encontro de Roberto Cardoso de Oliveira com a antropologia

Roberto Cardoso de Oliveira formou-se em filosofia na Universidade de São Paulo (USP) no início da década de 1950. Nessa época, inspirado pelas aulas do filósofo francês Gilles Gaston Granger (1920-2016), deu início a um interesse duradouro em sua carreira, estudar a área da epistemologia da ciência, tendo escolhido as ciências sociais como objeto de pesquisa. Os ensinamentos de Granger alertavam para a necessidade de uma aproximação concreta com a disciplina a ser estudada através da epistemologia. Dessa forma, Cardoso de Oliveira vai cursar disciplinas de sociologia e de antropologia na universidade. Dentre essas experiências, o contato com Florestan Fernandes (1920-1995) foi o mais destacado e a influência de seu trabalho é importante para a antropologia que Cardoso de Oliveira passa a desenvolver nos anos seguintes<sup>1</sup>. Além disso, foi justamente Fernandes que o orientou em sua tese de doutorado nos anos de 1960<sup>2</sup>.

Apesar desse contato anterior, é apenas em 1954, através de um convite de Darcy Ribeiro (1922-1997) para trabalhar como assistente no Museu do Índio<sup>3</sup>, que Cardoso de Oliveira ingressa profissionalmente na antropologia. Nesse período, Eduardo Galvão (1921-1976), outro importante antropólogo do período, também atuava no SPI e foi um interlocutor próximo em suas primeiras incursões à campo. Ainda que ao longo da trajetória, o antropólogo paulista tenha tido discordâncias teóricas maiores ou menores com Ribeiro e Galvão, ambos, assim como Fernandes, foram importantes para sua formação em antropologia e para os caminhos de pesquisa que seguiu posteriormente: os estudos das sociedades indígenas. No Museu do Índio, Cardoso de Oliveira inicia seu trabalho por meio do contato com uma extensa bibliografia antropológica, com os relatórios da instituição e com visitas aos postos indígenas espalhados pelo país. Foi em uma das viagens que teve o primeiro encontro com os Terena<sup>4</sup>, o que possibilitou a união de sua atuação institucional com uma prática de pesquisa etnográfica – na realidade, essa dupla configuração marcou a sua prática profissio-

1. Foi nesse início da década de 1950 que Fernandes desenvolvia sua tese *A função social da guerra na sociedade Tupinambá* (1951) e se debruçava sobre o método funcionalista na sociologia e da antropologia, debate que impactou de sobremaneira a formação de Cardoso de Oliveira – ele chegou a afirmar que o seu referencial teórico foi mais influenciado por Fernandes e pela antropologia britânica do que por Darcy Ribeiro e a antropologia americana (Cardoso de Oliveira, 2002) – o que é possível perceber também pelo uso da terminologia “antropologia social” ao invés de “cultural” já na década de 1950.

2. *Urbanização e Tribalismo: A integração dos Terena numa sociedade de classes* (1966).

3. O museu havia sido fundado por Ribeiro e era vinculado ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI) - atualmente, Fundação Nacional do Índio (Funai).

4. Os Terena pertencem ao subgrupo dos Guaná e estão localizados no estado do Mato Grosso do Sul. Opto por utilizar a grafia informada pelo Instituto Socioambiental (quando utilizo minhas palavras), mas é importante mencionar que no caso de citações ou de documentos sigo mantendo a grafia utilizada por Cardoso de Oliveira (Terena). Dados disponíveis em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena>>. Acesso em: 22 de julho de 2021.

nal (Cardoso de Oliveira, 2002; 2004) e a forma como conduziu suas temáticas de investigação<sup>5</sup>. Já nesta época, os interesses acadêmicos de Cardoso de Oliveira estiveram relacionados ao contato da sociedade indígena com a sociedade nacional – situação que tomaria como tema de reflexão aprofundada nas décadas seguintes. Além dessas atividades, o antropólogo também foi aluno e colaborador do Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural (CAAC) organizado por Ribeiro na instituição – experiência fundamental para os projetos de formação que Cardoso de Oliveira desenvolveu nos anos seguintes.

Em 1958, o antropólogo se demite do SPI por divergências na forma como a política indigenista estava sendo reproduzida na instituição, discordância causada por mudanças na diretoria. Esse afastamento já havia ocorrido pouco antes com Galvão e com Ribeiro. A convite de Luiz de Castro Faria (1913-2004) vai então trabalhar no Museu Nacional, onde dá continuidade às suas pesquisas etnológicas e inicia um projeto de profissionalização da antropologia no país. Quanto aos trabalhos desenvolvidos no período, além de continuar em contato com os Terena, é nesse momento que se direciona a uma outra região do Brasil e passa a trabalhar com os Ticuna<sup>6</sup>. Foi a partir do novo estudo, fortemente impactada pelo intenso contato e por invasões de terras, datados desde o século XIX (em decorrência do ciclo de exploração da borracha) (Cardoso de Oliveira, 1961), que o antropólogo se aprofunda nas questões étnicas e que cunha o conceito de fricção interétnica. É com essa pesquisa que publica seu segundo livro, *O índio e o mundo dos brancos* (1964), onde foca na organização Ticuna e nas relações sociais entre estes e a sociedade nacional.

Inspirado pela experiência como colaborador do CAAC, Cardoso de Oliveira desenvolve no Museu Nacional um Curso de Especialização em Teoria e Pesquisa em Antropologia Social, que funcionou entre 1960 e 1962. O nome já informa algumas mudanças significativas entre as duas experiências: fica claro o objetivo de formar especialistas para atuar na disciplina (e com isso adensou os conteúdos do curso e inseriu o trabalho de campo na formação)<sup>7</sup>; bem como uma mudança em relação à tradição antropológica a qual se vinculava. A troca de uma nomenclatura mostrava uma aproximação de Cardoso de Oliveira com uma outra antropologia, associada a uma tradição britânica, e um afastamento de teorias culturalistas de matriz estadunidense às quais Ribeiro, Eduardo Galvão, Luiz de Castro Faria e outros antropólogos

5. Como nos diversos momentos em que precisou criar saídas aos entraves institucionais e desenvolver suas pesquisas, como em momentos onde a estrutura de financiamento nacional não abarcava as ciências humanas.

6. Os Ticuna, autodenominação Maguta, vivem na Amazônia brasileira, mais especificamente no Alto Solimões. Sigo a mesma lógica apresentada anteriormente sobre a grafia e mantenho, no caso das citações, o nome como no texto original (Tukúna). Dados disponíveis em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna>>. Acesso em: 22 de julho de 2021.

7. O arquivo de Roberto Cardoso de Oliveira, que será apresentado adiante, abriga parte da documentação produzida e reunida pelos alunos do Curso de Especialização.

do período subscreviam-se. Na realidade, é possível perceber que essa diferença não indicava apenas uma mudança teórica entre os antropólogos e instituições brasileiras aqui envolvidas, mas correspondia também a uma mudança geracional na disciplina no país.

Como elaborado por Cardoso de Oliveira (1988), é justamente na transição entre as décadas de 1960 e 1970, com a elaboração de novas políticas educacionais (como o Parecer Sucupira e a Reforma Universitária) que impulsionaram a criação dos programas de pós-graduação, que a antropologia brasileira entra no período que ele próprio denominou como burocrático. Essa nova fase ocasionou transformações profundas para a disciplina, até então desenvolvida menos ao redor de instituições e mais em figuras consideradas importantes, ou para usar seus termos, carismáticas e heroicas. Cardoso de Oliveira não apenas participou de vários espaços de discussão relacionados às mudanças educacionais em curso no país, como também colaborou com a criação de novas propostas. Em 1968, junto a David Maybury-Lewis (1929-2007)<sup>8</sup> criou o Programa de Pós-Graduação e o mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional, com financiamento da Fundação Ford.

Essa parceria foi importante também para o desenvolvimento do *Harvard-Central Brazil Research Project* realizado junto às sociedades indígenas no país, através de duas temáticas: o estudo das áreas de fricção interétnica e; a organização social de índios no país. Entre os colaboradores havia alunos da instituição norte-americana (Terence Turner, Joan Bamberg, John Christopher Crocker, Jean Carter Lave e Dolores Newton) e alunos do curso de especialização do Museu Nacional (Roque de Barros Laraia, Roberto DaMatta, Julio Cezar Melatti e Marcos Magalhães Rubinger), que realizaram pesquisas entre os Kayapó, os Bororo, os Krikratí, os Suruí, os Akuáwa-Asurini, os Gaviões, os Apinajé, os Krahô e os Makaxali (Laraia, 2008). É importante reforçar que parte dos trabalhos, como de DaMatta entre os Gaviões e os Apinajé e de Melatti com os Krahô, foram fundamentais para o estudo dos grupos Jê no Brasil e impulsionaram outras investigações subsequentes (Demarchi & Morais, 2016; Giralдин & Demarchi, 2019).

Quanto às pesquisas individuais de Cardoso de Oliveira, seu foco estava voltado para pensar sobre a situação de contato entre indígenas e a sociedade nacional, definida por ele através da fricção interétnica. As proposições do antropólogo vinham como um novo olhar para o antigo problema dos conceitos de aculturação e assimilação (de

8. Nesse momento, Maybury-Lewis era professor na Universidade de Harvard, mas havia realizado seu mestrado no Brasil, com pesquisa junto aos Xavante e aos Xerente, localizados na região central do país.

influência norte-americana e praticado por alguns de seus colegas do período). Almejando, assim, responder a como os grupos continuavam a se identificar como indígenas apesar das mudanças ocasionadas pelo contato impositivo e constante. As relações étnicas passam a complexificar a situação e transformá-la. A proposição do antropólogo era de que esse processo não resultava no fim de uma cultura local, já que essa incorporação era mais complexa em decorrência da existência de uma identidade étnica, que garantia um caráter irredutível da cultura junto às mudanças sociais causadas pelo encontro.

Pouco antes de rumar para uma nova instituição em Brasília, o antropólogo brasileiro realizou seu pós-doutorado na Universidade de Harvard, onde elaborou pesquisas sobre a questão da identidade étnica, inspirado por experiências anteriores e pelo trabalho de Fredrik Barth (1928-2016), *Os grupos étnicos e suas fronteiras* (1969). É interessante notar que nesse momento havia também recebido uma proposta para lecionar na Unicamp, que havia recém-criado seu mestrado. Em 1972, chega na Universidade de Brasília (UnB), onde ajuda na criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da instituição, junto à dois de seus ex-alunos do Curso de Especialização do Museu Nacional: Roque de Barros Laraia (1932-) e Julio Cezar Melatti (1938-). Diferente da instituição carioca, a UnB já havia tentado na década anterior organizar uma iniciativa semelhante, coordenada por Eduardo Galvão, porém em decorrência da implementação da ditadura militar no país em 1964, a experiência não conseguiu ser mantida, tendo apenas formado um mestre. O mestrado se inicia em 1972 e o doutorado em 1981, seguindo um molde semelhante do programa do Museu Nacional (ainda que com certas particularidades, como a existência da graduação em ciências sociais), tendo contado também com financiamento da Ford.

É ainda nesse período que cria o Anuário Antropológico (AA), um importante periódico que mantém suas publicações até os dias de hoje, e que teve um papel fundamental para a divulgação de trabalhos da instituição e para a publicação de trabalhos de antropólogos de outros países. A partir das publicações do AA, é possível localizar uma outra importante parceria internacional de Cardoso de Oliveira: com o antropólogo mexicano Guillermo Bonfil Batalla (1935-1991), no período vinculado ao *Centro de Investigaciones Superiores del Instituto Nacional de Antropología e Historia* (CIS-INAH)<sup>9</sup>. Apesar da amizade

9. Atualmente, *Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social* (CIESAS).

e colaborações profissionais entre os dois datarem do final da década de 1960<sup>10</sup>, é neste período posterior que a parceria se intensifica e impulsiona o intercâmbio de antropólogos entre os dois países, além de marcar a colaboração de Cardoso de Oliveira em projetos de pesquisa sobre relações étnicas no México, como no caso do “*Proyecto Rescate del Patrimonio Cultural de los Tarrascos*” junto aos Purépecha – grupo indígena que vive no estado de Michoacán.

Apesar de nunca ter abandonado completamente seu interesse pelas sociedades indígenas, é na década de 1980 que Cardoso de Oliveira inicia um novo percurso de trabalho junto a uma temática distinta: a antropologia como tema de reflexão. Ainda que seja possível localizar um interesse anterior do antropólogo por discussões que envolvam ensino e pesquisa de antropologia no Brasil, na América Latina e em outros países, é nesse período que essa temática se torna objeto de investigação. O trabalho partia da ideia desenvolvida pelo físico e filósofo Thomas Kuhn (1922-1996), relativa à necessidade de um olhar interno à disciplina como forma de alcançar a autonomia em sua produção. Dessa forma, primeiramente Cardoso de Oliveira concentra-se em uma investigação sobre as origens da disciplina através das tradições racionalista (escola francesa) e empirista (escola britânica).

A mudança temática foi também acompanhada de mais uma mudança de instituição, já que em 1985 o intelectual transfere-se para a Unicamp. Os desdobramentos das pesquisas realizadas em Brasília ganham em Campinas uma nova direção: depois de analisar a antropologia produzida nos países onde ela foi originada – categoria que passou a chamar de países centrais – se direciona para a disciplina realizada nos outros locais, denominados como periféricos (Cardoso de Oliveira, 1988). É importante ressaltar que distinção tipológica mencionada é uma classificação que não tem correspondência a um caráter valorativo ou de hierarquia na produção das diferentes antropologias, mas sim com o papel histórico da origem de alguns dos principais debates na disciplina. Ou seja, os países centrais corresponderiam aos EUA, França e Inglaterra, e os países periféricos seriam aqueles onde a antropologia se desenvolveu a partir dessas tradições.

Nessa busca das antropologias periféricas, Cardoso de Oliveira tomou como prioridade pensar sobre a diferença nos estilos das produções locais e elaborou uma iniciativa que denominou de Projeto Estilos de Antropologia. Essa pesquisa tinha como objetivo analisar

10. Essa parceria se inicia em 1968 durante o Congresso Indigenista Interamericano. A partir desse momento os dois antropólogos passaram a construir uma rede de colaboração que impulsionou o intercâmbio de profissionais entre o Brasil e o México (incluindo períodos de docência como professor visitante que ambos realizaram), a elaboração de projetos de pesquisa sobre relações étnicas e a articulação para a criação de um espaço de colaboração de antropólogos da América Latina.



alguns casos particulares, ou seja, a atuação da disciplina em alguns dos países tomados como periféricos no campo antropológico acadêmico, mas também como se dava a vinculação dessas experiências com a disciplina dos países centrais. O projeto foi coordenado por Cardoso de Oliveira e por Guillermo Raul Ruben – antropólogo argentino que também lecionou na Unicamp – e se debruçou nas particularidades de diferentes países, como a antropologia indiana, catalã, australiana, argentina, canadense (francófona), venezuelana, israelense e brasileira. Essa iniciativa contou também com a participação de Mariza Peirano, Stephen Grant Baines, Leonardo Figoli, Robert Crépeau, Hebe Vessuri, Marta Francisca Topel, que eram professores e pesquisadores da Unicamp, da UnB e da Universidade Federal de Minas Gerais.

Além dos casos particulares havia a articulação de um pressuposto que amarrava esse projeto: apesar de haver diferentes estilísticas, elas não alteravam a matriz disciplinar que as gerou – isso ocorria pela manutenção de certos aspectos (nesse caso das relações entre os centros e as periferias) que geram uma marca na produção da disciplina (Cardoso de Oliveira, 1988; 1995; 1998). O debate tinha como influência a noção de estilo desenvolvida por Granger, que havia sido seu professor na USP. Internacionalmente, Cardoso de Oliveira se debruçou no estudo da antropologia catalã e na importância da identidade étnica na produção da disciplina e no estilo formado (Cardoso de Oliveira, 1998). Essa experiência mais uma vez o leva de encontro a questão da identidade, foco de seu primeiro período de trabalho na Universidade de Harvard, neste caso junto as sociedades indígenas no Brasil.

As pesquisas marcavam também uma retomada da influência mais direta da filosofia em seus interesses de trabalho, o que remete ao seu período de graduação na USP. Porém, nesse contexto, a articulação de debates filosóficos com uma investigação sobre epistemologia se dava através de sua reflexão antropológica. Esse retorno às investigações relativas ao fazer científico não ficou só circunscrito a esse projeto: nesse mesmo período Cardoso de Oliveira passou a colaborar de forma estreita com pesquisadores do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) existente na universidade campineira, fazendo parte do quadro de colaboradores, das discussões institucionais e promovendo eventos em conjunto com outros professores. Durante essa fase de preocupações mais interdisciplinares de sua carreira, o autor colaborou, também na Unicamp, com a criação de mais um programa

de pós-graduação: o Doutorado em Ciências Sociais, e mais especificamente, da área temática Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber. O programa interdisciplinar era composto por seis áreas temáticas, constituídas, por sua vez, por docentes de distintas formações em ciências sociais e em humanidades. Apesar de uma concentração de disciplinas específicas de determinada área, os alunos participavam também de um seminário integrado, que por muitas vezes foi ministrado por Cardoso de Oliveira, que seguia com seu projeto de ensino com forte ênfase em teoria e na pesquisa de campo.

Após a aposentadoria na Unicamp e um período colaborando pontualmente em algumas outras universidades (USP, Museu Nacional e Universidade de Barcelona), Cardoso de Oliveira retorna definitivamente a Brasília em 1996, vinculado não mais ao departamento de antropologia, mas sim ao Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC)<sup>11</sup>. Nesse período, além de ter dado continuidade a desdobramentos de sua investigação iniciada no Projeto Estilos de Antropologia, sobretudo acerca da antropologia catalã (desenvolvendo análises sobre a questão da identidade e do nacionalismo), Cardoso de Oliveira voltou-se para uma meta-reflexividade de suas próprias investigações, organizando a publicação de seus primeiros diários de campo, escritos enquanto era ainda funcionário do Museu do Índio. Em Brasília, o antropólogo permaneceu produzindo pesquisas, ministrando aulas e publicando até o final de sua vida, em 2006.

As contribuições de Cardoso de Oliveira no ensino e nos projetos de institucionalização da antropologia no país não ficaram circunscritos apenas à sua atuação como professor nessas instituições. Concomitantemente a esse trabalho, o antropólogo também participou de comissões de avaliação da pós-graduação desde a década de 1970, como da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Ministério da Educação (MEC). Assim como de discussões referentes aos rumos da disciplina em associações de antropólogos e de cientistas sociais, como a Associação Brasileira de Antropologia (ABA)<sup>12</sup> e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Na ABA, além de ter participado da primeira direção como tesoureiro, foi também secretário na década seguinte e presidente entre 1984 e 1986.

11. Atualmente Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA).

12. É possível localizar no fundo Roberto Cardoso de Oliveira uma cópia do anteprojeto do primeiro estatuto da Associação – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 234.

No cenário internacional, atuou também nas discussões para a criação da Associação Latino-americana de Antropologia (ALA) – iniciadas dez anos antes de sua efetiva criação em 1990 – tendo sido presidente entre 1993 e 1997 (Gatti Ballesterro & Souza, 2018). Em meio à presidência da ABA e da ALA, o antropólogo foi ainda um dos vice-presidentes da *International Union of Anthropological and Ethnological Sciences* (IUAES) de 1988 a 1993. Esses outros espaços de debate e de troca da disciplina mostram uma preocupação de Cardoso de Oliveira em estabelecer outros fluxos e repensar as geopolíticas de conhecimento em vigor, ainda que isso não signifique interromper o diálogo com as antropologias centrais. As pesquisas das antropologias periféricas desenvolvidas por ele e esses movimentos de aproximação com outros contextos acadêmicos contribuíram também para a formação de um campo de debate sobre as antropologias do mundo e as relações de um norte e um sul global, onde outros conceitos para as diferenças no contexto histórico e de produção foram cunhados (Lins Ribeiro & Escobar, 2009; Restrepo et al, 2018).

Como resultado dessas diversas contribuições para a antropologia brasileira recebeu vários prêmios e homenagens. Dentre elas, se tornou professor *honoris causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1989 e da UnB em 2003, professor emérito da Unicamp em 1998 e recebeu distinções da CAPES e da ABA. Foi também um dos ganhadores da primeira edição do *International Award for the Promotion of Human Understanding* oferecido pela *International Organization for Elimination of All Forms of Racial Discrimination* (EAFORD), em 1978. Uma outra forma de homenagem veio através do Convênio que firmou a parceria acadêmica e institucional entre as antropologias brasileira e mexicana através da Unicamp e do CIESAS. Apesar da parceria ter se iniciado em 2008, foi dois anos depois que passou a ser chamada de Cátedra Roberto Cardoso de Oliveira como uma forma de incentivar a continuidade e reconhecer o trabalho do antropólogo na região.

## O fundo Roberto Cardoso de Oliveira

Quando saí de Brasília em 1985, em janeiro, ou melhor, em dezembro de 1984, fui para a Unicamp e deixei na sala que tinha aqui um material muito grande de arquivos, documentos etc... Eu sempre guardava as coisas, não jogava fora, eu mesmo classificava em pastas devidamente identificadas. Inclusive, tinha a minha correspondência desde 1955 ou 1956 devidamente arquivada. En-

tão tinha todas essas coisas e eu não ia estar carregando nas costas, mudando-me para Campinas [...] E a Unicamp assumiu o encargo de mandar buscá-lo em Brasília. Então vieram de lá 13 caixas desse tamanho, 13 caixas... (indica com um gesto, risos). Então ela [Mariza Corrêa] viu, não sei se ficou surpresa ou não, e pediu uma sala grande para colocar o meu acervo (Samain & Mendonça, 2000: 220-221)<sup>13</sup>.

13. Esse trecho corresponde a uma fala de Roberto Cardoso de Oliveira em entrevista a Etienne Samain e João Martinho de Mendonça em 1998.

A lembrança de Roberto Cardoso de Oliveira sobre a acumulação e transferência de seus documentos para a Unicamp nos ajuda a visualizar o que pode ser encontrado no acervo abrigado no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL). O material de seu fundo tem enorme potencial para análises interessadas na história da antropologia da segunda metade do século XX: em sua trajetória, nas instituições que atuou e colaborou, nas temáticas de pesquisa desenvolvidas, nas redes de colaboração profissional, na institucionalização da disciplina, nas associações e agências de financiamento nacionais e internacionais, dentre outros interesses de investigação.

O acervo do antropólogo começou a ser reunido no início de sua atividade profissional na antropologia na década de 1950 e se manteve com ele, em suas salas no Museu Nacional e, posteriormente, na UnB, até sua transferência para Campinas. Com a mudança de instituição, Cardoso de Oliveira doa esse material para o Projeto História da Antropologia no Brasil (PHAB) coordenado pela antropóloga Mariza Corrêa (1945-2016) na Unicamp. O antropólogo acreditava que esse acervo poderia servir como testemunho de seu já longo percurso na antropologia, além de ter participado de importantes processos da disciplina. Nos anos seguintes, continua com o envio de outros documentos, principalmente das correspondências que eram reunidas a cada cinco anos aproximadamente. Esse movimento deixa claro uma preocupação com a preservação e divulgação dos registros de sua atuação na história da antropologia no Brasil. Porém, mais do que apenas compartilhar essas narrativas sobre seu trabalho, esse material foi também de alguma maneira objeto de reflexão de Cardoso de Oliveira ao longo de sua atuação profissional.

O PHAB começou as atividades em meados da década de 1980 e tinha como objetivo inicial colher depoimentos de antropólogos das primeiras gerações no Brasil, porém, ao longo de seu desenvolvimento acabou estendendo esse recorte temporal até a criação dos primeiros programas de pós-graduação. Além da produção de depoimentos gra-

vados, o PHAB publicou livros, teses e dissertações de seus colaboradores e atuou também no recebimento e organização de alguns fundos documentais. Os acervos coletados e produzidos pelo Projeto foram reunidos e colocados sob a guarda do AEL, localizado na Unicamp. O arquivo abriga atualmente um conjunto de 14 fundos documentais e coleções referentes à história da antropologia no Brasil, dentre eles de: Antonio Augusto Arantes, Donald Pierson, Heloísa Pontes, Herbert Baldus, José Bastos de Ávila, Luiz Mott, Mariza Corrêa, Mauro Almeida, Peter Fry, Regina Polo Muller, Vanessa Lea, Verena Stolcke e da Associação Brasileira de Antropologia. Como compartilhado em uma carta enviada a David Maybury-Lewis, a colaboração de Cardoso de Oliveira com o PHAB se inicia antes de sua ida à Unicamp e se estreita a partir dos interesses de pesquisa que o antropólogo prosseguiu nesse período, como já assinalado, de refletir a partir da produção da disciplina<sup>14</sup>. Além disso, o próprio antropólogo brasileiro articulou a realização de entrevistas e de doações de acervos de alguns de seus colegas.

Quanto ao conteúdo e à dimensão do acervo, o arquivo Roberto Cardoso de Oliveira contém aproximadamente 600 pastas de documentação textual, além de mapas, fotografias, folhetos e livros. Destaco entre os papéis o grande volume de correspondências enviadas e recebidas por ele, sejam elas com um conteúdo que podemos descrever como “estritamente profissional” ou cartas que misturem questões pessoais e profissionais. Ou seja, o que está em pauta na diferenciação não é a ausência ou presença de assuntos ligados a seu trabalho, mas a natureza da parceria construída entre os interlocutores e a forma como os assuntos eram abordados a partir dessa questão. Assim, essa segunda categoria possibilita compreender também as redes de relação e contextos envolvidos na construção de seu trabalho, assim como o que de fato estava sendo produzido no período. Além das correspondências, há ainda um extenso material referente a aulas ministradas, documentos pessoais, projetos e pesquisas desenvolvidas, relatórios, intercâmbio de pesquisadores, esboços de livros e artigos, documentação oriunda de sua participação em diferentes universidades e instituições, textos de terceiros, editais de programas de pós-graduação, textos apresentados em congressos e outros materiais que permitem aos interessados o acesso às diversas formas com que Cardoso de Oliveira contribuiu para a história da antropologia e que vão além dos aspectos mais conhecidos da trajetória do intelectual.

14. Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 38.

Quanto à organização do acervo, além da ordenação prévia do antropólogo que serviu como base para os trabalhos subsequentes, os documentos passaram por um primeiro trabalho ainda na década de 1990 pelo próprio PHAB e a uma segunda organização pelos funcionários do AEL para a incorporação dos papéis recebidos depois desse período. Em relação ao acesso, o fundo ainda não está digitalizado, mas pode ser acessado nas dependências da instituição. Para a consulta há uma listagem disponível que apresenta o conteúdo geral das pastas (em forma de títulos), mas não há uma descrição mais detalhada sobre cada documento.

É importante reforçar algumas questões centrais referentes à constituição do arquivo do antropólogo que se relacionam à própria construção da narrativa desta trajetória, tal como retratada nesse material (Serafim, 2021). Esses documentos foram reunidos e organizados por Cardoso de Oliveira ao longo de sua vida, uma preocupação que ele já nutria desde o começo da carreira, além de ter sido doado em um momento em que o antropólogo ainda estava em plena atividade profissional. Essas iniciativas mostram uma faceta do antropólogo de olhar também para si e para o seu trabalho, ao pensar sobre a antropologia brasileira e contribuem para a construção de uma narrativa de sua memória, sendo essa o resultado de um conjunto de homenagens recebidas, livros publicados, atuação nos programas de pós-graduação, redes estabelecidas e pesquisas desenvolvidas. Assim, o arquivo de Roberto Cardoso de Oliveira permite, de um lado, o acesso a diferentes aspectos de seu projeto de antropologia enunciados ao longo desse texto, de outro, compreender o cruzamento de sua trajetória com um capítulo importante da história da disciplina, em mais uma etapa de consolidação no país.

### **Um panorama sobre a documentação do fundo Roberto Cardoso de Oliveira**

Como assinalado anteriormente, o objetivo do presente texto é divulgar as potencialidades da documentação do acervo de Roberto Cardoso de Oliveira. Dessa forma foram selecionados, dentre a grande quantidade de material, dez documentos que tentam instigar importantes temáticas e atuações da trajetória do antropólogo. A seleção de documentos apresentada a seguir é fruto de um contato de mais de dois anos junto

a esse material e representa uma parcela do que pode ser encontrado e integrado em análises futuras de outros pesquisadores. O trabalho com esse acervo mostrou que, apesar de se tratar de um arquivo pessoal, o material que encontramos no AEL consegue apontar para diversas frentes temáticas para interessados na história da antropologia. Apesar desses papéis partirem do trabalho de Cardoso de Oliveira – assim como também opto por iniciar esse texto – as análises transbordam para além da narrativa sobre a vida de um indivíduo. Com isso não quero apontar a evidente importância do antropólogo para a antropologia brasileira, mas sim destacar as várias outras histórias da disciplina contidas nele. Histórias de instituições, de parcerias, de circulação de pessoas, de investigações, de políticas educacionais e científicas.

Para apresentar esses dez documentos, opto por trazer apenas a transcrição de seu conteúdo por dois motivos: para não limitar essa escolha a partir do tamanho dos documentos, ou mesmo a quantidade a ser apresentada. Porém, é importante reiterar o posicionamento de que as pesquisas em arquivos não são aqui entendidas como uma extração de informação ou uma reiteração de uma história já consagrada, mas sim que o suporte material, as múltiplas organizações e a relação entre os papéis são também atuantes na construção narrativa dos acervos documentais. Como os trabalhos de Luciana Heymann (1997; 2013), Olivia M. Gomes da Cunha (2004; 2005), Nicholas B. Dirks (2015) e Ann Laura Stoler (2018) apontam, a etnografia nos arquivos e o trabalho antropológico nesses espaços devem estar também atentos para a constituição e atuação de seus produtores, de terceiros e de instituições junto a esses materiais. Dessa forma, a breve recuperação da trajetória de Cardoso de Oliveira e de seu acervo documental complexificam também a relação com os documentos apresentados aqui.

Mais uma vez, por almejar que esse texto desperte o interesse de outros pesquisadores nesse material, opto por trazer mais o seu próprio conteúdo ao invés de fazer análise profundas sobre cada um dos aspectos apresentados. Assim, os documentos estão acompanhados de algumas informações que ajudam na compreensão do contexto em que estão inseridos e do entendimento quanto a seleção e potencial de investigação nas temáticas envolvidas.

**Documento 1** – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 14

Ofício nº DA 3

1 de março de 1963.

: Pesquisador Prof. Roberto Cardoso de Oliveira  
: Conselho de Pesquisa da Universidade do Brasil  
: Encaminha Relatório final do exercício de 1962.  
Senhores Membros do Conselho:

É com grande satisfação que me dirijo a V.S.<sup>as</sup> no sentido de comunicar o cumprimento integral do projeto “Estudo Comparativo das Sociedades Indígenas do Brasil”, naquilo que foi programado para o exercício recém-findo. Como é do conhecimento desse Conselho, as pesquisas constantes do referido projeto foram imaginadas para serem executadas em dois anos, a saber: 1962 e 1963. E nesses termos foram aprovadas por esse Conselho. Por esse motivo, o presente relatório não constitui um relatório final da pesquisa comparativa. Mas, apenas, uma prestação de contas da etapa de trabalho programada no projeto.

1. Pesquisa Tukúna: O estudo dos Tukúna pode ser dado como encerrado, ao menos no que concerne a parte “de campo”, i. e., aquela que envolve excursão. Como já nos referimos no nosso último relatório a esse Conselho, datado de 15 de outubro pp., a pesquisa de campo foi efetivada em julho a agosto últimos, no alto Solimões, Estado do Amazonas, junto das fronteiras do Brasil com o Peru e a Colômbia. A sociedade Tukúna foi devidamente estudada através de técnicas comuns na antropologia social, como também não se descuidou o pesquisador de procurar compreender a sociedade nacional envolvente. Dois estagiários do Museu Nacional – bolsistas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil – foram incluídos na excursão, na qualidade de pesquisadores-auxiliares. Graças a essa colaboração podemos realizar nossa investigação em apenas dois meses de permanência junto aos Tukúna. De retorno ao Rio de Janeiro, iniciamos a elaboração de um ensaio sobre os Tukúna (e a situação de contato intercultural emergente), tendo já escrito quatro dos cinco capítulos programados. Ficaremos aguardando, agora, o término das demais pesquisas anunciadas no projeto geral de pesquisa – e que mencionamos acima –, para podermos empreender a análise comparativa sistemática das diversas estruturas sociais estudadas por nossos colaboradores.

2. Pesquisa Suruí: Essa pesquisa foi desdobrada, com a inclusão do estudo dos índios Asuriní (também área Tocantins, mais abaixo), de vez que ambos os grupos tribais possuem uma mesma origem cultural e lingüística, uma estrutura social semelhante, se bem que tenham histórias diferentes, na medida em que reagiram de modo diverso ao contato com a sociedade nacional. Os Suruí foram visitados em 1961 pelo antropólogo Roque de Barros Laraia, da equipe de pesquisadores do Museu Nacional, e esse mesmo especialista visitou em 1962 os Asuriní, passando a desfrutar, assim, de condições excepcionais para uma comparação entre ambos os grupos tribais inseridos na região Tocantins, em sua margem esquerda. Depois de permanecer vários meses entre esses índios (de setembro a dezembro), retornou ao Rio de Janeiro trazendo rico material de pesquisa, constante de cerca de 350 páginas de “diário de campo”, onde registrou preciosas informações a respeito da organização social daqueles grupos Tupí e das relações interétnicas observadas naquela área. Pôde trazer também uma coleção de



artefatos indígenas, a fim de enriquecer o acervo etnográfico do Museu Nacional. Depois de examinarmos, pormenorizadamente, todo o material etnológico e sociológico obtido por esse membro da equipe, o devolvemos ao antropólogo para que pudesse ele trabalhar em sua elaboração, com o objetivo de escrever o relatório científico devido à Divisão de Antropologia deste Museu.

3. Pesquisa Gaviões: Essa pesquisa, como a anterior, foi desdobrada em vista da oportunidade que teve o antropólogo Roberto Augusto da Matta de terminá-la em menos tempo do que julgávamos necessário, uma vez que no ano anterior, em 1961, já o referido pesquisador havia permanecido alguns meses entre esses índios. Assim, após um curto período entre os Gaviões, pôde o antropólogo seguir para as aldeias Apinayé, situadas mais ao sul, mas na mesma margem do Tocantins, à sua esquerda. Tanto os Apinayé quanto os Gaviões são grupos tribais Timbira de língua Jê, tendo apenas de diferença o caráter da situação de contato com a sociedade nacional, incluindo aí a diferente frente econômica que os alcançou: a frente pastoril alcançou os Apinayé, e a frente extrativista, os Gaviões. Isso deu uma nova dimensão à pesquisa original, uma vez que vamos poder avaliar como se comporta uma estrutura social do mesmo tipo (i.e. estrutura Timbira) quando submetida à experiências históricas diversas. Do mesmo modo que procedemos em relação aos materiais “de campo” Asuriní, o fizemos com os dados Gavião-Apinayé. Pudemos, assim, avaliar a magnitude do trabalho realizado por esse nosso colaborador, e incentivá-lo, posteriormente, a redigir seu relatório científico, desdobrando-o em dois: um sobre os Gaviões, outro sobre os Apinayé. O primeiro deles já nos foi entregue, e é com satisfação que comunicamos aos membros do Conselho o alto nível de descrição e análise alcançados pelo pesquisador, como também a objetividade da interpretação dos fatos. O antropólogo Roberto da Matta permaneceu “em campo” com sua esposa, de setembro a dezembro p.p.

4. Pesquisa Krahô: Nessa pesquisa, como sabem Vv.Ss., trabalha o único pesquisador-bolsista da equipe sob nossa direção, graças à dotação desse Conselho, destinada a “pagamento de terceiros”. Queremos aproveitar o ensejo deste relatório sobre as atividades de nossa equipe em 1962, para registrar o nosso entusiasmo relativamente à qualidade do trabalho do Lic. Júlio Cesar Melatti. Com menos experiência que os outros dois, acima mencionados, pois graduados pelo “Curso de especialização em Antropologia Social”, por nós ministrados em 1961 no Museu Nacional, nada lhes ficou a dever com referência à rentabilidade do trabalho. Estêve, assim, com os Krahô, grupo Jê-Timbira, inserido na área pastoril do Tocantins, durante quatro meses e meio, de setembro de 62 a janeiro de 63. Visitou cinco aldeias (Aldeia do Posto, Pedra Branca, Canto Grande, do Abóbora e do Galheiro), residindo na do Posto durante a maior parte do tempo, onde realizou investigação em profundidade. Os dados obtidos, por nós examinados cuidadosamente, indicam que o pesquisador conseguiu resolver um dos problemas mais difíceis da organização social Timbira, aquele que se relaciona com a estrutura dos grupos familiares,

as parentelas e a descendência (a nomeação, especificamente). Acha-se no momento elaborando seu relatório científico, no qual depositamos fundadas esperanças.

5. Pesquisa Maxakali: Entre todas as pesquisas de campo programadas no nosso projeto de “Estudo Comparativo das Sociedades Indígenas do Brasil”, esta é a que menos nos satisfaz, no que se refere ao material etnológico obtido. Esteve a cargo do Prof. Marcos Magalhães Rubinger, nosso ex-aluno, da mesma turma de Júlio Cesar Melatti, mas que em face de suas múltiplas atividades em Belo Horizonte, onde responde pela Cadeira de Antropologia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais, não pôde permanecer um período de tempo maior que dois meses, assim divididos: um, em julho, outro em janeiro do corrente ano; portanto, apenas em férias escolares. Para compensar o pouco tempo que o referido pesquisador dizia poder permanecer entre os Maxakali, designamos um pesquisador auxiliar (por conta do Instituto de Ciências Sociais da UB), nosso estagiário-bolsista no Museu Nacional. Isso, se não resolveu a questão, ao menos proporcionou um relatório a mais, referente, especialmente, à situação de contato entre os Maxakali e a população sertaneja regional – tipo de trabalho que o nosso estagiário estava preparado para cumprir. Este relatório está em elaboração. Quanto ao material etnológico obtido pelo Prof. Rubinger, resta-nos aguardar seu relatório para podermos avaliar com maior precisão a qualidade de seu trabalho. Todavia, comunicamos a êsse Conselho que, infelizmente, não mais será patrocinada pelo Museu Nacional a continuação da pesquisa Maxakali, por verificarmos – em que pese a competência do pesquisador e professor em apreço – ser impossível a realização da pesquisa de campo sem que a elas seja dedicado tempo integral. E é nessa última condição que toda a equipe, com a exceção referida, trabalha.

Atenciosamente  
Roberto Cardoso de Oliveira  
Pesquisador 18B da UB  
Chefe de Pesquisa

Entre os documentos das atividades de Roberto Cardoso de Oliveira no Museu Nacional há uma grande quantidade de relatórios de atividades. O material era produzido a cada semestre e possibilita uma recuperação minuciosa sobre os projetos, estudos e atuação do antropólogo, assim como dos alunos e estagiários da instituição. Incluindo as pesquisas relacionadas ao Curso de Especialização e aos primeiros projetos coordenados por Cardoso de Oliveira no Museu Nacional – antes da parceria com David Maybury-Lewis e com a Universidade de Harvard. Assim, a partir desse grupo de documentos, é possível compreender os movimentos que foram transformando essas iniciativas, os pesquisadores participantes, os grupos indígenas estudados, como se partia de uma investigação a outra, as relações entre as iniciativas que

foram se estabelecendo e os diálogos com as instituições financiadoras. Ou seja, uma grande gama de matérias que permite recontar uma história, em parte já conhecida e estabelecida, mas que ainda tem muito a ser analisada. Além disso, é possível acompanhar como as novas iniciativas da instituição, como os Projetos e a criação do Programa de Pós-Graduação, vão sendo inseridos e mudando as dinâmicas anteriores.

**Documento 2** - Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 19

Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1968

Ilmo. Pablo Gonzales Casanova  
Instituto de Investigaciones Sociales  
Torre de Humanidades, 5º Piso  
Ciudad Universitaria  
Coyoacán 20, D.F.  
México  
Prezado Amigo:

Foi com satisfação que recebi sua carta solicitando informações sobre a pesquisa relativa aos índios Krahô e Xerente, dentro do Projeto de “Estudo das Áreas de Fricção Interétnica no Brasil” por mim elaborado e publicado em *América Latina* (ano V, nº 3, 1962) e republicado como Apêndice de meu livro *O Índio e o Mundo dos Brancos* (Difusão Européia do Livro, 1964). Neste livro, além de propor a problemática geral do Projeto, realizei o estudo de um caso (os índios Tukúna) que fosse expressivo de uma determinada situação de contato interétnico observada numa área de exploração extrativista (borracha), de características arcaicas e sujeita, atualmente, a sensíveis modificações, tal como o surgimento da empresa madeireira dentro do extrativismo regional. Os estudos de caso que se seguiram, como os do Tocantins, foram realizados por colegas e cujos resultados ou já foram publicados ou aguardam publicação. Trata-se do livro *Índios e Castanheiros* (Difusão Européia do Livro, 1967) de autoria de Roque de Barros Laraia e Roberto Da Matta, onde são estudados os Gaviões, Suruí e Asurini, grupos inseridos numa área extrativista (castanha) e de características de região nova, ao contrário do Alto Solimões, onde estudei os Tukúna. O livro *Índios e Criadores* (Série Monografia do Instituto de Ciências Sociais, 1967), de Júlio Cezar Melatti, focaliza os Krahô situados numa área econômica pastoril, em região contígua àquela em que estão estabelecidos os Xerente, pesquisados por David Maybury-Lewis (Harvard University) e sobre os quais aguardamos o livro correspondente.

O modelo geral das investigações está esboçado nos meus trabalhos já mencionados acima e encontra-se mais desenvolvido num artigo que recentemente publiquei (com muitos erros de impressão) na revista *América Indígena* (vol. XXVIII, nº 2, 1968) que o distinto amigo provavelmente terá seu alcance. Como disse, trata-se apenas de um modelo que pretende explicar e não apenas descrever a situação de contato interétnico em países “subdesenvolvidos” e possuidores de populações indígenas social e demograficamente minoritárias. Pondo de lado os “modelos”

aculturativos -- correntes na Antropologia Cultural norte-americana --, pretendo analisar sistemas sincréticos, em desequilíbrio e marcados por “conflito” (contrastado com “consenso”) no interior do próprio sistema emergente. No que diz respeito à metodologia empregada, pouco há a se dizer (pelo menos com referência aos mencionados estudos de caso, entre os quais os Krahô constituem apenas um), salvo de que os pesquisadores e eu próprio não nos valemos de técnicas sociográficas muito sofisticadas. Os recursos metodológicos empregados foram -- até aqui -- os correntes na Antropologia Social voltada à observação de sociedades tribais. Em nenhum momento se trabalhou com amostragem, uma vez que tôdas as pesquisas focalizaram universos tribais. E o estudo simultâneo realizado sobre sociedade regional (nacional), em contato com o grupo indígena investigado intensamente, foi feito mediante o recurso da análise historiográfica (documentos, obras, etc.), entrevistas com informantes-chave aliadas à observação direta e participante nos centros regionais da decisão política e da economia local. Por outro lado, ao tempo da elaboração das três monografias aludidas, o modelo -- a que chamei “Potencial de Integração” (vide *América Indígena*, o.c.) -- ainda não estava construído nos termos do artigo “Problemas e Hipóteses relativos à Fricção Interétnica”.

Se estiver interessado nas monografias referentes aos três casos mencionados (Solimões/índios Tukúna; Tocantins-extrativo/índios Gaviões, Suruí e Asuriní; e Tocantins-pastoril/índios Krahô), peça que nós procuraremos atender. Embora o primeiro dêles -- o de minha autoria -- já esteja esgotado, procurarei arranjar um exemplar, caso o distinto colega não o tenha recebido do Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (Rio de Janeiro), órgão que distribuiu durante os anos de 1964 e 1965 para o estrangeiro.

Com a satisfação de haver interessado o seu prestigioso Instituto nos trabalhos que estamos realizando no Brasil, subscrevo-me

Atenciosamente  
Dr. Roberto Cardoso de Oliveira  
Diretor da Divisão de Antropologia

Ainda que essa correspondência tenha sido produzida também durante a atuação de Cardoso de Oliveira no Museu Nacional, há um intervalo de 5 anos entre os dois documentos. A partir desse período, já é possível perceber novas temáticas e o desenvolvimento de outras relações. Na carta, o antropólogo brasileiro informa seu colega mexicano, Pablo Gonzáles Casanova (1922-), sobre o andamento do *Harvard-Central Brazil Research Project*, ou como costuma chamar Projeto Harvard-Museu Nacional. Não são apenas os relatórios que nos ajudam a compreender o andamento das pesquisas e do trabalho do antropólogo, mas as cartas também tem um papel de grande destaque.

Para além das transformações do tempo e do tipo documental, essa correspondência aponta para as duas grandes circulações de Roberto Cardoso de Oliveira: os EUA e o México. A relação com David Maybury-Lewis e o projeto coordenado por ambos está expressa na fala do antropólogo brasileiro, mas o caso mexicano aparece de maneira menos evidente. Ainda que a menção a nacionalidade do destinatário está expressa logo no início do texto, é através da data da correspondência que esse diálogo ganha uma conexão importante e se cruza com outras documentações. É justamente em 1968, poucos meses antes desse diálogo, que Cardoso de Oliveira participou do VI Congresso Indigenista Interamericano realizado no México e que passa a conhecer ou a estreitar o laço com antropólogos locais. No Brasil, o antropólogo já desenvolvia suas pesquisas sobre fricção interétnica, ao mesmo tempo que sociólogos e antropólogos mexicanos – dentre eles Gonzáles Casanova e Rodolfo Stavenhagen (1932-2007) – também olhavam para as relações étnicas, porém a partir das ideias de desigualdade e colonialismo interno.

**Documento 3** – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 17

Rio de Janeiro, 17 de março de 1966.

21

Ilmo. Sr.  
Prof. Claude Lévi-Strauss  
Laboratoire d'Anthropologie Sociale  
11, place Marcelin-Berthelot  
75 Paris 5e  
Prezado Professor Lévi-Strauss:

Foi com grande satisfação que recebi sua carta, na qual V. faz referências elogiosas ao artigo que escrevi inspirado e estimulado por suas reflexões a respeito do totemismo. O que posso dizer, como expressão de minha simpatia e admiração por sua obra, é testemunhar -- em minha qualidade de etnólogo brasileiro -- a positiva e revolucionária influência que V. vem desempenhando entre nós nestes últimos anos, sobretudo após o aparecimento de *L'Anthropologie Structurale*, *Totémisme aujourd'hui* e *La Pensée Sauvage*. A oportunidade de contribuir de algum modo, para a consecução de seu trabalho, levou-me a examinar com vivo interesse o material Tukúna, apoiado em oposições de outros especialistas, como o Dr. Luiz Emigdio de Mello F<sup>o</sup>, Botânico do Museu Nacional e o Dr. Helmuth Sick, Ornitologista do Conselho Nacional de Pesquisas. Infelizmente, não pude entrar em contato com o Dr. Evan Lowe, do Summer Institute of Linguistics, pesquisador que, em 1959, me acompanhou em minha primeira excursão ao Solimões.

O primeiro termo, a:ru-pana “louro chumbo” pareceria indicar, a primeira vista, que a palavra pudesse ser uma derivação de ‘aru: (auai grande), que significaria pertencer a planta à família Apo-

*cynaceae*, espécie *Huvestia nerifolia* (Cf. Nimuendaju, Glossary, p. 159) de acordo com epônimo clânico registrado por mim. Entretanto, a indicação “louro chumbo” feita por Nimuendaju, parece revelar que as palavras referem-se a coisas distintas, como o próprio Autor indica no glossário, p. 161, colocando-a como uma *Lauraceae*. Para a Botânica Sistemática do Dr. Mello Fº não há dúvida que *Apocynaceae* e a *Lauraceae* são entidades diferentes, para a “botanique sauvage” haveria, naturalmente, possibilidade dessas entidades serem uma só se, ao menos, tivéssemos um apoio linguístico. O que, até agora, não consegui obter.

Com relação aos outros termos, os dados são ainda mais vagos. Na hipótese da palavra Tukúna m mané'ki designar, vulgarmente, uma espécie de pássaro da região do alto Solimões, então o palpite do Dr. Sick poderá estar correto: seria então o pássaro Manakin -- nome vulgar, em inglês, para qualquer representante da Família dos *Pipridae*: no Brasil, costuma-se chamar uirapuru ou tangará (Cf. Meyer de Schauensee, *The Birds of Columbia*, 1964, USA). Quanto ao último termo, a'ica, não encontrei nenhum dado capaz de orientar indagação. A lista de termos feita por Nimuendaju -- que estou anexando a esta carta -- talvez possa lhe dar algumas sugestões neste ou noutros assuntos; o exame que dela fiz não me levou a nenhuma conclusão. Tal lista pode ser indicada como manuscrito arquivado na Divisão de Antropologia do Museu Nacional.

Lamentando não poder responder com exatidão as perguntas feitas, continuo a sua disposição, na expectativa de poder atendê-lo, no futuro, com maior presteza.

Atenciosamente  
Roberto Cardoso de Oliveira

Ainda que a França não tenha sido o destino principal das relações que Cardoso de Oliveira travou com algumas antropologias no exterior, os documentos permitem a compreensão da existência de alguns diálogos com antropólogos do período. Como veremos mais adiante é apenas na década de 1980 que o antropólogo vai passar uma temporada mais longa e desenvolver uma pesquisa no país europeu. Apesar dessas ressalvas, as cartas trocadas com Claude Lévi-Strauss (1908-2009) mostram a existência desse diálogo, tanto em referências ao trabalho junto as sociedades indígenas, mais especificamente com os Ticuna, como assinalado aqui, mas também extrapolam para outras temáticas. Além disso, na presente carta Cardoso de Oliveira aponta a importância dos textos do antropólogo francês para seu trabalho e para a antropologia. A publicação das obras mencionadas coincide com a atuação do antropólogo brasileiro no Museu Nacional e influenciaram a antropologia que era produzida na instituição nesse período. Essa aproximação é inclusive uma das críticas realizadas por Darcy Ribeiro

à antropologia praticada por Cardoso de Oliveira e seus ex-alunos na década de 1970<sup>15</sup>, que, segundo ele, estaria mais preocupada com a teoria do que com a descrição das sociedades indígenas.

Em outros papéis é possível saber que Lévi-Strauss recebeu o livro *Sobre o Pensamento Antropológico* (1988)<sup>16</sup> e que foi consultado sobre possíveis professores visitantes para o mestrado do Museu Nacional. O diálogo se iniciou antes mesmo do início das atividades do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social e foi pedido o apoio do *Laboratoire d'Anthropologie Sociale* para o intercâmbio de um pesquisador para ministrar uma disciplina de Antropologia Estrutural. Entre os nomes apresentados estavam de Pierre Clastres (1934-1977) (com quem Cardoso de Oliveira chegou a dialogar) e com Jean Pouillon (1916-2002)<sup>17</sup>. Essa iniciativa contou também com o apoio da Embaixada Francesa no Brasil.

**Documento 4** – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 30

Brasília, 31 de março de 1978

Caríssimo David,

De início quero cumprimentar o casal Maybury-Lewis pelas bodas de prata. Efusivos abraços de Gilda e meus, tão calorosos e apertados como se estivéssemos ai. Embora, infelizmente, não nos tenha sido possível ir a Europa dessa vez, ficamos contentes em mesmo daqui dos trópicos podermos abraça-los todos juntos – você, Pia e os “meninos” – nessa bonita festa que, também nós, tivemos a alegria de comemorar recentemente. Nós, que somos irmãos em muitas coisas, em mais isto nos encontramos.

Ótimo que você está concluindo seu livro *Structuralism and Social Organization*. Parabéns. Imagino que Cambridge, England, está sendo magnífico para você. Tão bom que contratempos – como o caso do Terry Turner – praticamente se anula diante das coisas positivas que você está encontrando nessa temporada. Mesmo porque você não está (também ai) isolado: poucos são aqueles professores como nós que uma vez ou outra não sejam golpeados por ex-estudantes que parecem querer nos destruir para sobreviver... O que se há de fazer?! Mas estou certo que você não se abalou a ponto de não superar isso, isto é, sem se irritar mais do que o necessário...

Roque finalmente chegou e está coordenando a Pós-Graduação, cuja passagem para o nível de doutorado estamos projetando para 1979. Ano que você pretende vir aqui (no meio do ano, não é?) e que eu, provavelmente, não estarei no Brasil. É ano do meu sabbático e estou almejando ir para o exterior, possivelmente para o México, onde meu trabalho parece ser importante, seja do ponto de vista acadêmico (colaborar com o CIS-INAH no desenvolvi-

15. Parte dessa discussão foi contada por Darcy Ribeiro em entrevista a Mariza Peirano (1978). Disponível em: <[http://www.marizapeirano.com.br/entrevistas/darcy\\_ribeiro.html](http://www.marizapeirano.com.br/entrevistas/darcy_ribeiro.html)>. Acesso em: 27 de julho de 2021.

16. Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 291.

17. Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 19.

mento do doutorado), seja do ponto de vista científico (aplicação de ideias que venho desenvolvendo, como v. sabe, sobre estudos étnicos). Meu programa ainda não está detalhado, falta a confirmação sobre o “time”: se vou em março, ou em agosto de 79.

Porém, não pretendo ficar lá todo o tempo; penso em permanecer de 6 a 7 meses no México, deixando dois ou três meses para eventual ida a Europa ou aos EEUU.

No momento estou empenhado numa dupla atividade: consolidar o mestrado, inclusive já escolhendo novos contratados, entre eles o Tulio e a Mariza, além de conseguir um aprimoramento crescente da qualificação dos nossos mestres e, por que não, dos próprios bacharelados – uma vez que faço questão que o corpo docente não exclua a graduação como campo de exercício interessado e sistemático de ensino. Além disso estou tentando conciliar o Anuário, cujo primeiro livro deve aparecer por essas próximas semanas – já um bocado atrasado... A idéia que tenho é publicar o segundo, ie. o Anuário/77, até o fim do corrente ano, pois até julho terei os artigos e críticas devidamente prontos (Aliás, gostaria de receber algo de você, seja artigo, seja crítica; não lhe falei antes porque esperava tratar disso somente depois de você receber o Anuário/76, a fim de ter uma ideia do que estamos pretendendo fazer).

Numa próxima carta lhe direi sobre as coisas que estou escrevendo e algo a mais sobre meus planos do sabático. Por ora, qualquer ajuda que v. queira para facilitar sua vinda ao Brasil em 79, diga-me. Abraços do velho

A parceria com David-Maybury Lewis foi mais intensa durante sua atuação no Museu Nacional, momento que desenvolviam projetos conjuntamente, porém a amizade e o diálogo permaneceram ainda que com as mudanças nas temáticas de pesquisa (Laraia, 2008). Como a carta acima aponta, o diálogo sobre os projetos que ambos estavam produzindo, assim como as atualizações de suas vidas pessoais esteve sempre presente. Aqui o desenvolvimento do PPGAS da UnB, assim como sua estadia como professor visitante no México dividem espaço com a comemoração de casamento de David e Elsebet (mais conhecida como Pia) Maybury-Lewis. Essa relação pessoal e profissional é percebida em grande parte das correspondências do fundo (e a troca com o antropólogo britânico tem um lugar de destaque nesses movimentos). Não podemos ignorar, ao analisar a documentação, que os modos de se fazer antropologias caminham junto com a construção de redes de relação.

Na carta é ainda falado sobre outros assuntos: as desavenças teóricas entre Terence Turner (que havia sido pesquisador do Projeto Harvard Museu Nacional) e Maybury-Lewis e os planos para o Anuário



Antropológico. O AA, como já foi mencionado, foi criado com a intenção de aproximar o trabalho dos antropólogos de dois dos primeiros Programas de Pós-Graduação e divulgar estudos antropológicos, com uma influência do *Année Sociologique*, periódico francês criado por Émile Durkheim (1858-1917). Mais de dez anos depois do início das atividades, Alcida Ramos (1937-) faz um balanço das discussões que haviam sido pautadas no periódico e a multiplicidade de autores publicados (brasileiros e estrangeiros) de forma a compreender o alcance dessa iniciativa. O trabalho foi apresentado em uma das edições do Congresso Internacional de Americanistas e submetido à análise de seu ex-professor, que àquela altura era também seu colega de trabalho<sup>18</sup>.

**Documento 5** – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 18

Of. D.A. nº 15

24 de maio de 1967

Antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira  
Magnífico Reitor da UFRJ  
: Autorização para sair do País  
Magnífico Reitor:

Venho solicitar a Vossa Magnificência a necessária autorização para participar da Reunião para a Integração do Ensino com as Pesquisas Antropológicas a ser realizada de 26 de julho a 2 de agosto próprio, na Áustria, no castelo de Wartenstein, sob os auspícios de Wenner Gren Foundation for Anthropological Research, para a qual fui convidado conforme documento anexo.

Sendo um encontro entre especialistas de vários países, reunidos para tratarem de um tema dos mais atuais, particularmente para o Brasil – que sintonizado com o problema vem processando reformas universitárias --, acredito que seria altamente proveitoso para a unidade a que pertenço levar nossas experiências ao debate entre colegas de diferentes orientações acadêmicas, a fim de aferi-las num contexto internacional.

Desejaria, também, aproveitar esta oportunidade para entrar em contato pessoal com o Prof. Claude Lévi-Strauss, diretor do Laboratoire d'Anthropologie Sociale, a fim de tratar da vinda de antropólogos franceses ao Brasil para colaborarem nos programas em desenvolvimento na Divisão de Antropologia do Museu Nacional. Solicito assim a extensão da autorização até 11 de agosto, perfazendo esta licença um período de 16 dias, isto é, de 26 de julho a 11 de agosto. A presente licença não acarretará em ônus para a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Magnificência os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

18. Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 289.

Roberto Cardoso de Oliveira  
Diretor da Divisão de Antropologia

A participação em discussões sobre o ensino e o fazer antropológico não ficaram circunscritos ao Brasil – e é inclusive em muitas dessas iniciativas que o antropólogo iniciou suas redes de relação internacional. Para além de aspectos mais ligados à sua trajetória, a participação de Cardoso de Oliveira nesses contextos permite o acompanhamento das discussões que estavam sendo feitas na segunda metade do século XX. É possível perceber um interesse desses espaços para pensar as temáticas de modo mais global, tendo incorporado aos poucos as especificidades dos países que, mais tarde, o antropólogo brasileiro chamaria de periféricos. A Fundação Wenner Gren, que também financiou projetos de Cardoso de Oliveira, realizou alguns desses encontros.

Em relatório de atividades enviado a Manuel da Frota Moreira, diretor científico do Conselho Nacional de Pesquisas, em 1967<sup>19</sup>, Cardoso de Oliveira destaca alguns dos desdobramentos do evento realizado na Áustria. O grupo que contou com representantes de 13 países desenvolveu uma série de temas importantes a serem priorizados nas investigações a nível nacional, assim como a criação de uma entidade internacional que daria continuidade a essas propostas e iniciativas. É possível recuperar pelo menos mais quatro eventos semelhantes no período<sup>20</sup>. Aponto brevemente também que um desses desdobramentos foi a *Iª Reunión Técnica de Antropólogos e Arqueólogos de América Latina y el Caribe*, realizada em 1979 – evento que consagrou Guillermo Bonfil Batalla como presidente da iniciativa. Posteriormente esses esforços foram incorporados nas discussões da criação da Associação Latino-americana de Antropologia, criada formalmente apenas em 1990.

**Documento 6** – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 143

#### POSSIBILIDADES DE EXECUÇÃO DO PROJETO “TARASCO”

1. O projeto “Tarasco” será iniciado sobre o marco dos estudos de “fricção interétnica”. Isso significa que tal é a dependência (ou mesmo, interdependência) INDIO/MESTIÇO, que o modelo mais econômico que se supõe dê conta da situação interétnica será o denominado modelo do “potencial de integração”. Integração entendida aqui como sendo do sistema interétnico; a saber, sendo um sistema sincrético, a possibilidade de sua constituição ou de emergência é função (matematicamente falando) da integração da área comum criada pela intersecção do sistema indígena e do sistema mestiço (cf. ii).

19. Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pastas 18 e 143.

20. Para saber mais sobre esse e outros eventos, ver Cardoso de Oliveira, 1988.

2. Todavia, torna-se necessário assinalar que os segmentos mestiços da sociedade nacional mexicana não atuam ao caso na região Tarasca. De algum modo -- a ser empiricamente avaliado -- refletem a posição ou a ação de grupos extra-regionais, quer direta ou indiretamente presentes na situação Tarasca. Cabe, então, ao projeto incorporar uma perspectiva mais ampla tentando identificar os liames eventualmente existentes entre a região Tarasca (especialmente o(s) segmento(s) mestiços) e o centro (ou os centros) de polarização econômica e política. Com isso se evitará tomar a região Tarasca e seus próprios centros, internos, de polarização, como isolados na sociedade nacional.

3. A identificação dos indígenas e dos mestiços -- considerando a peculiaridade da realidade Tarasca -- se fará utilizando-se dos conceitos de “grupo étnico” e “etnia” (proposta de Barth), em conexão com o desenvolvimento da noção de identidade e identificação étnicas (cf. R. Cardoso de Oliveira, 1971). Contudo, a aplicação sistemática dos conceitos de identidade (exs. Identidade “histórica”, “resgatada”, “constitutiva”, etc.) bem como dos mecanismos de manipulação da identidade étnica, será objeto de utilização futura -- provavelmente a partir de julho próximo, quando, então, se dará maior atenção aos fenômenos de superestrutura ou ideológicas. Será nesse momento que se recuperará a noção de cultura (entendida nos termos de Barth e, em certo sentido, de Goodenough) como sistema de valor e de símbolos sinalizadores da identidade grupal, étnica.

Realização do Projeto:

(i) Estrategicamente a pesquisa terá início por um “survey” sobre áreas previamente selecionadas segundo critérios contrativos. Os dados já disponíveis, sobre os quais serão estabelecidas zonas contrastantes, terão as seguintes características:

- a) demográficas (densidade e incremento)
- b) econômicas (natureza das economias locais)
- c) linguísticas (variação dialetal)
- d) etno-históricas (antiguidade relativa do contato)

(ii) Tal “survey” indicará os casos possíveis, susceptíveis de análise comparada, com vistas à elaboração de um modelo (de potencial de integração) que em alguma escala dará conta das diferentes situações interétnicas (ou sistemas interétnicos). A pesquisa focalizará três tipos de integração do sistema Tarasco/Mestiço. Enquanto A e C são casos contrastantes e polares, B será um caso “intermediário” concebido como controle das análises que recairão sobre os demais. É bom esclarecer, entretanto, que os outros casos poderão ser selecionados à condição de se mostrarem relevantes, ie. Particularmente divergentes dos três escolhidos.

(iii) Escolhidos os casos, a equipe se dedicará nos primeiros meses de pesquisa (até julho) a realizar o que se poderia chamar de um estudo sociológico da dependência ou da interdependência econômica indígena/mestiço. Como a dimensão econômica é a base engendradora do sistema interétnico, é perfeitamente justificável que se inicie a investigação por esse nível infra-estrutural do sistema. Fazer uma sociologia “da interdependência” será res-

ponder a questões tais como: 1) qual o papel respectivo de índios e mestiços na economia local e regional? 2) Qual a ordem de investimento mestiço nas terras ou no trabalho indígena? E qual o índice de aquisição ou de consumo indígena de bens produzidos pelos mestiços ou por estes destinados ao mercado tarasco de consumo? Qual a articulação dos Tarascos com as praças-de-mercado regionais? Quantas e quais as categorias sociais (ocupacionais, p.ex) indígenas e mestiças envolvidas na economia interétnica? Como elas se articulam entre si no âmbito do sistema interétnico e/ou nos respectivos sistemas indígena e mestiço (naturalmente quando tais sistemas puderam ser mais facilmente identificados, como no caso A, a saber quando se mostrarem relativamente autônomos)?

(iv) A estrutura de classes inerentes ao sistema mestiço deverá ser levada em conta, sobretudo se se dispuser de uma literatura sociológica de boa qualidade sobre o México e, melhor ainda, sobre a região Tarasca. A investigação historiográfica aqui será da maior importância no sentido de apontar a evolução da situação colonial, interna ao México (“colonialismo interno”), desde os tempos mais arcaicos. A sobrevivência de modalidades coloniais será um dado de enorme valor explicativo da situação interétnica. Estaríamos verificando aqui o caráter não unívoco da sociedade mestiça (com suas contradições internas) e de como essas contradições se refletiram e continuam se refletindo na situação indígena.

Bibliografia preliminar:

Fredrik Barth – Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference. Little, Brown and Co. 1969

R. Cardoso de Oliveira – O Índio e o mundo dos Brancos. Livraria Pioneira Editora, São Paulo (2ª. Edição/1972).

- - - - - - Urbanización y Tribalismo. Ediciones especiales: 63. Instituto Indigenista Interamericano. México (2ª. Edição/1972).

- - - - - - - “Problemas e Hipóteses relativos à fricção interétnicas: Sugestões para uma metodologia”, in América Indígena, XXVIII, 2, 1968 (ensaio inserido no livro A Sociologia do Brasil Indígena, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1972)

- - - - - - - “Identidad étnica, identificación y manipulación” in América Indígena, XXXI, 4, 1971.

Nota: A presente bibliografia será projeto de seminário com o grupo de pesquisadores em julho próximo.

O Projeto na região da Meseta Tarasca fez parte de um importante capítulo da trajetória de Cardoso de Oliveira: sua aproximação com a antropologia mexicana. Essa iniciativa contou com a participação do *Instituto Nacional de Antropología e Historia* (INAH), a Organização dos Estados Americanos (OEA) e diversos colaboradores mexicanos e estrangeiros. Além de auxiliar com o programa, Cardoso de Oliveira

foi um dos orientadores da tese de María Eugenia Vargas junto com Guillermo Bonfil Batalla. A pesquisa foi realizada na região, tendo como foco a educação Tarasca e investigava, em tal caso, a figura do promotor bilingue. A parceria entre o antropólogo brasileiro e o mexicano rendeu a construção de uma rede de colaboração que se estendeu para outros países da América Latina. É importante destacar que a experiência latino-americana de Cardoso de Oliveira permite uma aproximação entre suas grandes preocupações de pesquisa: as relações étnicas (como visto no documento acima) e a produção da antropologia nos países periféricos (nesse caso tanto de maneira teórica, como também na participação de eventos e na articulação e construção dessas redes de colaboração e de intercâmbio).

**Documento 7** – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 36

Brasília, 29 de junho de 1984

Ilmo. Bruce Bushey  
DD. Representante da Fundação Ford no Brasil  
Praia do Flamengo, 100 – 12º andar  
RIO DE JANEIRO – RJ

Prezado Bruce,

Esta carta tem a intenção de fazer chegar ao seu conhecimento os primeiros resultados de uma pesquisa sobre as raízes racionalistas e empiristas da Antropologia Social, pesquisa essa iniciada em 1981, prosseguida em 1983 e atualmente em vias de conclusão. Tal pesquisa está orientada para um questionamento da tese de Thomas Kuhn – talvez a maior autoridade atual sobre História da Ciência – no que diz respeito à sua adequação às ciências Humanas e, de um modo todo especial, à Antropologia Social, desde que a aludida tese “das revoluções científicas” foi construída com referência à história das ciências naturais. Tenho a convicção de que não basta aplicar a disciplina antropológica no estudo de seus objetos tradicionais para que ela ganhe no Brasil (ou em qualquer outro lugar) status de maturidade e autonomia, mas somente pelo exercício de uma reflexão diligente sobre seus fundamentos históricos e estruturais, a saber pela transformação da própria Antropologia Social em seu objeto precípuo de investigação.

Foi assim que iniciei a pesquisa pelo estudo da tradição racionalista, tomando como foco de investigação as origens francesas da disciplina identificadas no pensamento durkheimiano que tão bem se manifestou nos volumes do “Année Sociologique”. Para tanto, graças a um apoio financeiro da CAPES, permaneci três meses em Paris, em 1981, trabalhando com os arquivos do “Groupe d’études durkheimiennes” da “Maison des Sciences de l’Homme”. Como resultado desse estudo publiquei o ensaio “As ‘categorias do entendimento’ na formação da Antropologia” (in Anuário Antropológico/81, pp. 125-146), por meio do qual tratei da questão do

racionalismo na constituição da disciplina. No ano seguinte trabalhei na organização de uma coletânea de ensaios de minha autoria e os publiquei em 1983, precedidos de um ensaio introdutório no qual retomo a problemática central de minhas indagações, qual seja, o da tese kuhniana sobre “paradigmas” científicos. Esse livro foi intitulado “Enigmas e Soluções” (Tempo Brasileiro, 1983, 208 pp.). Nesse mesmo ano em que se publicou o referido livro, iniciei uma segunda etapa da pesquisa que se destinou da tradição empirista da disciplina, buscando para isso equacioná-la no interior do pensamento anglo-saxão, especialmente aquele que se manifesta na Escola Britânica de Antropologia Social. Tive, então, de recorrer a uma biblioteca que oferecesse condições efetivas para a realização da pesquisa. Com o patrocínio do CNPq e um convite do Department of Anthropology da Universidade de Harvard, pude realizar a investigação nas bibliotecas daquela Universidade (particularmente na Tozzer e na Widener) durante os meses de março a junho de 1983; e, ao retornar dos USA, apesar de uma doença que me impediu de trabalhar entre julho e outubro daquele ano, consegui começar a elaboração dos dados relativos ao empirismo em novembro, o que me permitiu escrever um ensaio – destinado ao Anuário Antropológico/83 – intitulado “A ‘categoria da casualidade’ na formação da Antropologia” (Anexo 1). Simultaneamente escrevi um texto, elaborado para uma conferência que proferi por ocasião da 14ª Reunião Brasileira de Antropologia, cujo tema central é a “matriz disciplinar” da Antropologia, onde retomo a problemática Kuhniana e proponho uma interpretação original para a questão dos paradigmas no âmbito das ciências humanas (Anexo 2). Entre um e outro trabalho, organizei uma coletânea de W. R. Rivers (autor central do pensamento empirista em suas raízes), antecedido por uma Introdução (Anexo 3).

Submetidos esses trabalhos à leitura e à crítica de colegas brasileiros e estrangeiros, fui estimulado a dar prosseguimentos às minhas investigações sobre o tema e a desdobrá-las num novo projeto a ter início em 1986, durante o meu período sabático. Isso significa que a pesquisa sobre as tradições racionalistas e empiristas, realizada ao nível de investigação bibliográfica, como uma forma de “arqueologia” do pensamento antropológico, enquanto identificadora das categorias fundamentais da disciplina presentes em sua história, virá a ser concluída durante o segundo semestre do corrente ano e todo ano de 1985: nesses três semestres eu me dedicaria a dois novos paradigmas, um no interior da tradição racionalista ou intelectualista (o paradigma “interpretativo” ou hermenêutico). Já o novo projeto a que fiz menção, em lugar de uma “arqueologia” do pensamento, trataria antes de uma “etnografia” da Antropologia Social, focalizando uma realidade contemporânea do pesquisador e, portanto, passível de observação participante. Sublinho o caráter participante da observação para destacar o caráter etnográfico da pesquisa: o de realizar uma etnografia da antropologia social.

Poder-se-ia denominar tal projeto, ainda que provisoriamente, como um estudo das “comunidades antropológicas periféricas”. A saber, o estudo de grupos profissionais da disciplina localizados em países onde ela não é originária se os compararmos com as “comunidades de centro” (França, Inglaterra e USA) – o que

não significa qualquer diagnóstico de caráter valorativo sobre as “comunidades periféricas”, pois a qualidade da antropologia que nelas se pratica não está em jogo. Embora tenhamos pensado (eu e meus colegas) em grupos de profissionais de diferentes países, como Índia, Espanha, México, e Canadá, a escolha para um projeto-piloto recaiu nesse último país pelas seguintes razões: sendo eu o executor desse primeiro projeto de “etnografia da ciência”, cuidei de procurar um país que ocorresse uma sorte de confluência entre aquelas duas tradições a que me referi, a racionalista e a empirista, de modo a estudar como elas se articulam ou se desarticulam diante da realidade canadense formada pela competição entre duas tradições intelectuais bastante nítidas e expressas nos segmentos francófonos e anglófonos da sociedade global do país; nesse sentido, a possibilidade de se encontrar no Canadá uma antropologia francófona e outra anglófona é uma hipótese bastante plausível, sobretudo quando ela corresponde a uma visão de antropólogos canadenses com os quais pude trocar idéias. Uma outra razão é a presença de um quadro político marcado pela etnicidade, tema sobre o qual tenho pesquisado e refletido por mais de duas décadas, conforme indicam minhas publicações dos anos 60 e 70.

Para a realização desse projeto-piloto (que futuramente será multiplicado em pelo menos mais três outros a serem realizados por colegas) fui convidado a realizá-lo na Universidade de Montréal, quando daria ênfase na antropologia francófona enquanto um estudante graduado daquela universidade poderia iniciar uma pesquisa por mim orientado, sobre a vertente anglófona da disciplina, seja nas universidades de língua inglesa locais, seja em alguma universidade de qualquer região anglófona do país. Contudo, para melhor preparar a pesquisa, fui convidado (por ora verbalmente) pelo Dr. Lionel Vallée, prestigioso antropólogo canadense, “attaché” de cooperação internacional daquela Universidade, para o que ele chamou de “mission exploratoire” a ser realizada por mim em outubro próximo. Nesse sentido, gostaria de obter da Fundação Ford um auxílio que me permita passar aproximadamente oito dias em Montréal para aquele fim, comprometendo-me a elaborar posteriormente um relatório conclusivo sobre o assunto com uma eventual solicitação de patrocínio à realização da pesquisa em 1986. Todavia, considero desde já que não haverá qualquer compromisso da Fundação Ford em financiar a futura pesquisa, mesmo que venha – como assim desejo – conceder o auxílio que aqui se solicita.

Agradecendo antecipadamente a atenção que o Distinto amigo der ao assunto, subscrevo-me

Atenciosamente  
Roberto Cardoso de Oliveira

A grande mudança de temática de pesquisa de Cardoso de Oliveira se inicia na UnB e ganha ainda mais fôlego com a mudança para Campinas, onde passa a articular o projeto sobre antropologias periféricas. Na mesma instituição encontra ecos de suas preocupações, no que se refere a produção da disciplina no país, no Projeto História da

Antropologia no Brasil. Na carta enviada a Bruce Bushey, representante da Fundação Ford no Brasil na década de 1980, Cardoso de Oliveira narra como se inicia essa transição e como o trabalho na França e nos EUA foi fundamental para a primeira etapa da investigação. Como foi assinalado anteriormente, ainda que Cardoso de Oliveira tenha tido diálogo com antropólogos franceses, foi apenas na década de 1980 que ele se vincula mais diretamente a uma instituição de pesquisa no país europeu. Já o caso dos EUA é diferente: a Universidade de Harvard foi um dos principais locais de intercâmbio e de redes de relação de Cardoso de Oliveira internacionalmente. A parceria se iniciou através da amizade com David Maybury-Lewis, que foi professor da instituição, tendo o antropólogo brasileiro realizado seu pós-doutorado na universidade estadunidense, além de períodos como professor visitante.

No entanto, a relação de Cardoso de Oliveira e da Ford é ainda mais extensa: a Fundação financiou os primeiros anos de funcionamento do PPGAS do Museu Nacional e da UnB, o Projeto Harvard-Museu Nacional e seu pós-doutorado, assim como diversos eventos e viagens ao longo da trajetória do antropólogo. Ela também teve um importante papel em conceder bolsas de estudos para pesquisadores que precisaram deixar o país no período da ditadura militar brasileira (Canedo, 2017). As atividades da Fundação chegam na América Latina durante o período da Guerra Fria, como parte da política norte-americana de expansão de sua influência neste momento. Entre seus objetivos, estava auxiliar no combate de problemas sociais e de apoiar projetos educacionais. Ainda que tenha tido um papel importante no desenvolvimento da antropologia brasileira, a Ford financiou principalmente outras disciplinas das ciências sociais no Brasil e na América Latina especialmente até o início da década de 1970 (Brooke, 2002; Figueiredo, 1988).

**Documento 8** – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 291

São Paulo, 11 de Novembro de 1989

Dr. Stephen G. Baines  
Departamento de Antropologia/IH  
Universidade de Brasília  
7091\$ - Brasília, DF  
Prezado Stephen:

É com satisfação que respondo sua carta de 07 do corrente por meio da qual você me pôe a par de seus novos projetos de pesquisa. Evidentemente que lamento você não ter podido dar conti-



nuidade à sua pesquisa com os Waimiri-Atroari por força da ação anti-liberdade de trabalho científico criada pela FUNAI, hoje a grande responsável pela diminuição de estudos etnológicos no País com sua política tacanha e perversa que a história haverá de registrar para a vergonha do indigenismo brasileiro.

Mas sua opção em passar a trabalhar com “as antropologias periféricas”, nos termos do programa de pesquisa que venho propondo, é uma excelente idéia. Dou todo meu apôio. Adianto-lhe inclusive que já há vários projetos em andamento: em janeiro segue para Montréal, Canadá, o meu colega Dr. Guillermo Ruben, para o estudo da antropologia francófona na região do Quebec. Do Canadá deverá vir o Dr. Robert Crépeau para realizar um estudo sobre a antropologia brasileira. Estou em entendimentos com o antropólogo italiano Maximo Canevacci para realizarmos igual intercâmbio com a Universidade de Roma e a Unicamp. Além disso, já contamos com as pesquisas da Mariza Peirano na Índia e do Leo Figoli na Argentina. No seu caso, penso na possibilidade de sua irmã vir em algum momento ao Brasil para estudar a nossa etnologia indígena enquanto você faz o mesmo na Austrália. Aliás, lá, precisamente em Melbourne, já temos alguém interessado no programa das “antropologias periféricas”: trata-se da irmã do Guillermo Ruben, uma estudante de doutorado da La Trope University; seu nome Ana Maria Ruben de Sadras de nacionalidade argentina. Penso que -- se tudo der certo -- você poderia concentrar seu estudo na etnologia indígena, i.é a antropologia das sociedades ágrafas da Austrália, enquanto ela -- mais interessada na sociedade complexa -- se voltaria para o estudo da antropologia nacional australiana. Tanto a sua experiência, constituída no Brasil, na pesquisa de grupos indígenas, quanto a dela, feita no estudo de segmentos da sociedade australiana, contribuirão bastante para o sucesso de ambos empreendimentos. Naturalmente que estas são apenas sugestões que gostaria que você (e ela) as examinasse.

Lamento também as dificuldades que você está tendo com seu contrato na UnB. Espero que isso se resolva e você possa realizar, com mais tranquilidade, sua pesquisa na Austrália sem perder a condição de professor da UnB.

Desejando-lhe sucesso junto ao CNPq e à UnB, aqui fica

Cordialmente  
ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

A correspondência com Stephen Grant Baines recupera não apenas o início de diálogo sobre sua participação no Projeto Estilos de Antropologia, como também entraves com a Funai e com a UnB. Quanto aos temas abordados, a pesquisa a respeito da etnologia australiana foi concluída – resultados do projeto aparecem no livro *Estilos de Antropologia* (1995) – e outras questões podem ser acompanhadas através dos documentos do fundo. A partir de outras cartas, é possível ter uma dimensão maior do problema da UnB: apesar da abertura de

concurso público compreender também estrangeiros, o setor responsável pelas contratações não havia emitido parecer favorável; ao passo que a naturalização do antropólogo dependia de um contrato de trabalho estabelecido. Ainda que haja lacunas sobre como o processo foi solucionado, Baines conseguiu ser contratado pela instituição, onde está vinculado até os dias de hoje.

Já para entender os problemas com a Funai é necessário recorrer a um outro acervo também depositado no AEL: o fundo da Associação Brasileira de Antropologia. O acervo da ABA foi doado na gestão de Mariza Corrêa na década de 1990 e compreende documentos produzidos desde sua fundação até a chegada na instituição de guarda. É possível destacar a documentação relativa aos grandes projetos de desenvolvimento nacional, a criação de parques indígenas, a mobilização das questões indígenas na promulgação da constituinte de 1988 e documentos institucionais. Porém, para a compreensão do caso relatado por Baines, apresentado aqui, vale recuperar um agrupamento denominado “Conflitos com etnólogos em campo”. Tal denominação corresponde a um montante de papéis que contam um pouco sobre conflitos entre antropólogos e a Funai, em decorrência de suas pesquisas em áreas indígenas. Um dos episódios existentes, e que contou com a intermediação da Associação, é justamente o caso relatado na correspondência de Cardoso de Oliveira: a expulsão de Baines da área indígena Waimiri-Atroari – local onde vinha realizando pesquisas desde seu doutorado na UnB<sup>21</sup>.

**Documento 9** – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 34

UNICAMP/IFCH/DCS RELATÓRIO PRELIMINAR  
CURSO DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Criado em 1985, o Curso de Doutorado em Ciências Sociais está atualmente com 38 alunos matriculados em suas 6 Áreas Temáticas, assim distribuídos: “Estrutura Social do Brasil”, com 7 alunos; “Estado e Políticas Públicas”, com 10; “Agricultura e Questão Agrária”, com 8; “Estudos Populacionais” com 5; “História Intelectual e Etnografia da Ciência”, com 6; e “Antropologia do Brasil”, com 2. É necessário dizer que esta última área temática foi praticamente desativada, no sentido de não receber mais candidatos uma vez que se decidiu reformulá-la proximamente. O Quadro abaixo permitirá uma melhor visualização dessa distribuição, inclusive com informações sobre a entrada diferencial por ano. O Quadro apenas omite o número de alunos que se desligaram (2) ou que, embora matriculados, não chegaram a iniciar o Curso (1). Com apenas dois anos e meio de existência e, por essa razão, ainda sem teses

21. Os documentos do fundo da ABA mencionados podem ser localizados na pasta 89. Para saber mais sobre esse acervo e sua organização, ver Lassali, Serafim & Tambascia (2018).

defendidas, é praticamente impossível tentar qualquer avaliação. Contudo, algumas considerações cabem à guisa de acompanhamento do processo de implantação do Curso e de suas possibilidades de consolidação.

Áreas temáticas	Ano de admissão de alunos			
	1985	1986	1987	Totais
Estrutura Social do Brasil	3	4	0	7
Estado e Políticas Públicas	2	2	6	10
Agricultura e Questão Agrária	4	4	0	8
Estudos Populacionais	3	2	0	5
Hist. Intelectual e Etnolog. da Ciência	0	1	5	6
Antropologia do Brasil	2	0	0	2
TOTAIS	14	13	11	38

Considerando que a peculiaridade do Curso está em seu caráter interdisciplinar, graças à sua estruturação por Áreas Temáticas, que se equivalem a linhas de pesquisa passíveis de serem conduzidas por pesquisadores (alunos e docentes) de diferentes procedências disciplinares, é natural que estejamos nos deparando com algo novo no campo da pós-graduação em Ciências Sociais. Há um certo “atavismo” disciplinar, dificultando a absorção numa única linha de pesquisa de pesquisadores de origem disciplinar diversa. Salvo a área “Estudos Populacionais”, que por sua própria natureza já exercita a inter e multidisciplinaridade (no NEPO, p. ex.), as demais têm encontrado alguns obstáculos para avançar esse desideratum. Nesse sentido, temos podido observar que, excluindo-se a área “Antropologia do Brasil” -- que por sua própria concepção original já se comprometia com a disciplina Antropologia, razão primordial de sua posterior desativação --, as diferentes áreas, em grau diverso, têm procurado recrutar estudantes com formação em diferentes disciplinas não somente das ciências sociais, mas também de outros setores das Humanidades. Igualmente, a incorporação de colegas no corpo docente comprometido e devotado às atividades de cada área temática, continua a mobilizar seus respectivos coordenadores. Acreditamos que a consolidação do próprio doutorado dependa da boa constituição de suas áreas temáticas sob a égide da interdisciplinaridade.

A mobilização do corpo docente para prestar serviços no Doutorado vem fazendo, em nosso modo de ver, de uma maneira lenta porém segura. O Quadro abaixo, ainda que não esteja de todo completo, indica que já participaram do Curso -- na condição de Orientadores -- 15 professores doutores que supervisionam 33 teses ou alunos (some-se aos 15 docentes mais 3 orientadores provenientes de outros departamentos). Apenas 5 estudantes ainda não estão com seus orientadores definidos. Todavia, a Orientação de Programa tem estado subdividida entre o Coordenador do Doutorado e os respectivos Coordenadores das Áreas Temáticas.

Professores orientadores	Nº de alunos
Alba Zaluar	1
Antonio A. Arantes	1

<b>Professores orientadores</b>	<b>Nº de alunos</b>
Carlos Rodrigues Brandão	3
Décio A. Marques de Saes	2
Elza S. Berquó	1
Maria Conceição D’Incao	1
Maria Nazareth B. Wanderley	2
Maria Hermínia B. T. de Almeida +	2
Maria Teresa Sales de M. Suarez	1
Neide Lopes Patarra	2
Roberto Cardoso de Oliveira	3
Sonia Miriam Draibe	2
Sergio Miceli P. de Barros	4
Vilmar Evangelista Faria	4
Eni Orlandi*	1
Paulo Baltar**	1
Luiz Orlandi***	
TOTAL	33

Numa avaliação sumária sobre as perspectivas de consolidação do Curso de Doutorado, poder-se-ia adiantar uns poucos tópicos sobre os quais o corpo docente deverá devotar uma atenção especial:

- a) Trabalhar no sentido de fortalecer o caráter interdisciplinar das Áreas Temáticas;
- b) Promover a criação de novas áreas temáticas desde que efetivamente se organizem como áreas ou linhas de pesquisa interdisciplinar;
- c) Considerar a disciplina HS-613, Seminário de Tese, como o meio por excelência capaz de fortalecer a interdisciplinaridade da área temática não só ao nível do corpo discente mas também, e sobretudo, do corpo docente (Seminário no qual participarão o coordenador da área juntamente com os respectivos orientadores de Tese);
- d) Estimular a participação do corpo docente nas disciplinas HS-611 e HS-612 (Seminário de Teoria e Metodologia em Ciências Sociais I e II) como meio de integração dos professores do Doutorado num projeto comum;
- e) Manter a atual política de distribuição interna das Bolsas de Estudo pela qual preferentemente são beneficiados os alunos que ainda não completaram seus créditos-disciplina (Se bem que no corrente ano, pela primeira vez praticamente todos os doutorandos estão usufruindo bolsas de estudo do CNPq e da CAPES, incluindo nesta última os alunos do PICD).

Quanto as informações relativas às pesquisas em curso pelo corpo docente e as publicações por ele produzida, e também suas atuações de ensino e na vida profissional, elas constarão do conjunto de dados preparado pela secretaria do CPG.

Campinas, 28 de Agosto de 1987  
Prof. Dr. Roberto Cardoso de Oliveira  
Coordenador do Doutorado em Ciências Sociais  
IFCH/UNICAMP

Cardoso de Oliveira produziu uma série de relatórios e conferências que recompõem a história da criação dos programas de pós-graduação que ajudou a criar (no Museu Nacional e na UnB<sup>22</sup>). Essas iniciativas tiveram tanto a intenção de avaliar internamente as mudanças necessárias – como no caso da Área Temática “Antropologia do Brasil” mencionada no documento acima, ou mesmo na mudança de nome da linha a qual o antropólogo estava vinculado – como também comparar as experiências em curso no Brasil. No caso da Área “História Intelectual e Etnografia da Ciência”, ela foi renomeada para “Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber” em decorrência da criação de um curso de pós-graduação dedicado a História da Ciência nos anos 1990<sup>23</sup>. Já em relação à comparação das experiências, além dos relatórios individuais, o antropólogo participou de comissões das agências avaliadoras do país, da ABA e da ANPOCS para pensar sobre o desenvolvimento da pós-graduação, as implicações das reformas universitárias e os reflexos das mudanças causadas pela institucionalização da disciplina ainda em curso<sup>24</sup>. Dessa forma é possível acompanhar que, a partir de um determinado tema, há um emaranhado de documentos, produzidos em períodos distintos da segunda metade do século XX, que ajudam a pensar nas diversas frentes de atuação da antropologia no país.

**Documento 10** – Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 408

Manaus, 24-9-92

Prezadíssimo Roberto:

Depois de 30 anos, cá estamos Silvio e eu em visita aos Waimiri-Atroari por solicitação do Programa da Eletrobrás e como representantes da ABA.

Muita emoção de rever Manaus e um tribo indígena no interior da floresta tropical, entre Roraima e o Estado do Amazonas.

Temos lembrado de você, nosso mestre e caro amigo. Gostaria que a representação da ABA incluísse você.

Fico lembrando as velhas lições, as recomendações para anotar em diário, o Ponciano fardado me acompanhando pela mata. Longas caminhadas, cacho de bananas nas costas e nosso encantamento com a Antropologia Social, cada nova descoberta era repleta de novas emoções e a Amazônia, como é bonita!

22. Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 141.

23. Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 293.

24. Arquivo Edgard Leuenroth – Fundo Roberto Cardoso de Oliveira – Pasta 341.

Silvio agora é presidente da ABA. Você é, e foi tanta coisa, que enumerar seria cometer alguma omissão. Quantos prêmios já recebeu o nosso caro Roberto!!! Tenho imenso orgulho de pertencer a geração que em 62 entrou no Museu Nacional para aprender Antropologia e conviver com os caríssimos amigos de sempre: Você, Roque, Da Matta, Andrea, Yonne, Alcida, Melatti ...

E o que acho importante é lembrar o quanto a gente ficou querendo bem os amigos e colegas, suas esposas, a prole toda. Ando com a foto de 4 netos dos quais me orgulho tanto, como de pertencer à geração de 62, e estar completando 30 anos de carreira, e que boa e significativa parte do tempo tem sido dedicada à Antropologia.

Ao escrever a você queria registrar como me fez bem esta viagem à Amazônia. Grande abraço à Gilda. Continuo esperando por ela no Sul. Beijos à Lucinha. Grande abraço a você.

Cecília Maria

Termino essa seleção de documentos com uma carta de autoria da antropóloga Cecília Maria Vieira Helm (1937-), aluna na terceira turma do Curso de Especialização em Teoria e Pesquisa em Antropologia Social do Museu Nacional. Depois de sua formação, Helm, assim como outros alunos do curso, deu continuidade ao projeto de Cardoso de Oliveira de formação da disciplina no país. A antropóloga colaborou com a criação de um Curso de Especialização em Antropologia Social na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e, posteriormente, com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. A antropóloga também seguiu na etnologia depois da experiência na instituição carioca, desenvolvendo estudos sobre as relações interétnicas junto aos Kaingang e os Guarani no sul do país.

Helm escreveu essa carta a Cardoso de Oliveira durante uma visita aos Waimiri Atroari no momento em que era tesoureira da ABA, durante a presidência de Silvio Coelho dos Santos (1938-2008), que havia sido também aluno na mesma turma do Curso do Museu Nacional. Recupero esse documento da antropóloga por ele possibilitar compreender dois movimentos: o primeiro, está na manutenção das parcerias que permeiam grande parte da documentação. Muitos dos antropólogos que passaram pelo Museu Nacional nesse início da década de 1960 continuaram se correspondendo e desenvolvendo projetos, trabalhos e parcerias em conjunto ao longo de suas carreiras. Como já foi mencionado, esse cruzamento das relações pessoais e institucionais é marcante nas correspondências de Cardoso de Oliveira.

O segundo, corresponde ao retorno da antropóloga a um grupo indígena na Amazônia brasileira, que a fazia recuperar suas lembranças do trabalho de campo junto aos Ticuna no Alto Solimões e ao Projeto de Estudo de Áreas de Fricção Interétnica (Helm, 2006). Esse olhar para o passado acompanha os próprios movimentos de pesquisa de Cardoso de Oliveira, tanto em sua aproximação com a filosofia a partir da década de 1980, como a um retorno a seus diários de campo e trabalhos sobre etnicidade ao final da vida. Dessa forma, a correspondência de Helm ao mesmo tempo que recupera lembranças contidas no primeiro documento dessa seleção, acompanha o fluxo de trabalho do antropólogo ao longo de sua trajetória.

## Referências

- Brooke, Nigel. 2002. “O escritório da Fundação Ford no Brasil, 1962-2002: Um apanhado histórico”. In: Brooke, Nigel; Witoszynsky, Mary (orgs). *Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil: Uma parceria para a Mudança Social*. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Ford, 13-53.
- Canedo, Leticia Bicalho. 2017. “Conhecimento de Estado e elites internacionais: A Fundação Ford no Brasil e seus beneficiários”. *Anais do 41º Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu.
- Cardoso de Oliveira, Roberto. 1961. “A situação dos tukuna e a Proteção Oficial”. *Anhembi*, XLIV (132), 471-477.
- Cardoso de Oliveira, Roberto. 1988. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro; Brasília: Tempo Brasileiro; CNPq.
- Cardoso de Oliveira, Roberto. 1995. “Organização do “Campo Antropológico” Latino-Americano”. *Plural – Boletín de la Asociación Latinoamericana de Antropología*, 3-5.
- Cardoso de Oliveira, Roberto. 1988. *O trabalho do antropólogo*. Brasília; São Paulo: Paralelo 15; Editora Unesp.
- Cardoso de Oliveira, Roberto. 2002. *Os diários e suas margens: viagem aos territórios Terêna e Tükúna*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Cardoso de Oliveira, Roberto. 2004. “O mal-estar da ética na antropologia prática”. In: Victoria, Ceres; Ruben, George Oliven; Maciel, Maria Eunice; Oro, Ari Pedro (org). *Antropologia e ética: O debate atual no Brasil*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense; Associação Brasileira de Antropologia, 21-32.
- Cunha, Olívia M. Gomes. 2004. “Tempo imperfeito: Uma etnografia do arquivo”. *Mana*, Rio de Janeiro, 10 (2), 289-322. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132004000200003>.
- Cunha, Olívia M. Gomes. 2005. “Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos nos arquivos”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 36, 7-32.
- Demarchi, André; Moraes, Odilon. 2016. “Redes de relações indígenas no Brasil Central: um programa de pesquisa”. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, 10 (2), 96-117. <https://doi.org/10.22456/1982-6524.64124>.
- Dirks, Nicholas B. 2015. “Annals of the Archive: Ethnographic Notes on the Sources of History”. In: \_\_\_\_\_. *Autobiography of an archive: a scholar’s passage to India*. New York: Columbia University Press, 27- 49.
- Figueiredo, Marcus Faria. 1988. “O financiamento das Ciências Sociais. A Estratégia de Fomento da Fundação Ford e da Finep – 1966-1985”. *Revista Brasileira de Informação em Ciências Sociais*, 26, 38-55. <https://www.anpocs.com/index.php/bib-pt/bib-26>.
- Gatti Ballester, Pablo; Souza, Lydia de. 2018. “Presentación: un prólogo para los diálogos de las antropologías latinoamericanas”. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos con la Antropología Latinoamericana*. Montevideo: Editora Asociación Latinoamericana de Antropología (ALA), 7-12.



Giraldin, Odair; Demarchi, André. 2019. “Memórias de dois etnólogos do Brasil Central: Entrevistas com Roberto DaMatta e Júlio César Melatti”. *R@U*, 11 (2), 381-395. <https://doi.org/10.52426/rau.v11i2.326>

Helm, Cecília M. V. 2006. “A antropologia no Paraná”. In: SANTOS, Silvio Coelho (org.). *Memória da Antropologia no Sul do Brasil*. Florianópolis: Editora da UFSC, 81-123.

Heymann, Luciana Quillet. 1997 “Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso Filinto Müller”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 19, 41-66. <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041>.

Heymann, Luciana Quillet. 2013. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: Travancas, Isabel; Rouchou, Joëlle; Heymann, Luciana (orgs.). *Arquivos pessoais: Reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 67- 76.

Laraia, Roque de Barros. 2008. “Dossiê – Trajetórias convergentes: Cardoso de Oliveira e Maybury-Lewis”. *Mana*, Rio de Janeiro, 14 (2), 547-554. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200011>.

Lassali, Thais F.; Serafim, Amanda G.; Tambascia, Christiano K. 2018. “Do porão à primavera: história da antropologia no Brasil e protagonismo político no acervo da Associação Brasileira de Antropologia”. *Maloca: revista de estudos indígenas*, 1 (1), 141-156. <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/maloca/article/view/13201>.

Lins Ribeiro, Gustavo; Escobar, Arturo (orgs.). 2009. *Antropologías del mundo: Transformaciones disciplinarias dentro de sistemas de poder*. México: The Wenner-Gren International; Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social; Universidad Autónoma Metropolitana; Universidad Iberoamericana.

Restrepo, Eduardo; Fagoaga, Ricardo; Ferrero, Lía; Díaz Crovetto, Gonzalo; Mejías Guiza, Annel del Mar; Gatti, Pablo. 2018. “Mesa redonda: las ciencias humanas y sociales en el contexto latinoamericano contemporáneo. Actuales condiciones de producción académica- científica”. In: Gatti Ballester, Pablo; Souza, Lydia de (org.). *Diálogos con la Antropología Latinoamericana*. Montevideo: Editora Asociación Latinoamericana de Antropología (ALA), 131-154.

Samain, Etienne; Mendonça, João M. de. 2000. “Entre a escrita e a imagem. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 43 (1), 185- 236. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012000000100006>.

Serafim, Amanda Gonçalves. 2021. “Abraços do velho”: *Roberto Cardoso de Oliveira e a construção de um projeto de antropologia*. Dissertação de Mestrado, Unicamp, Campinas, SP, Brasil.

Stoller, Ann Laura. 2018. “Os arquivos coloniais e a arte da governança”. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 207-236.